

Censura

(Característica musical forte ao principio e servindo depois de fundo as palavras do:)

SPEAKER: - O 1º quadro deste romance tem a sua ação numa casinha modesta de um dos mais longínquos suburbios de uma grande cidade. É a residência de Madame Vilar, senhora de quarenta e poucos anos, que ali vive ha muito tempo em companhia de seu filho Celso, rapaz de vinte e tres anos e que, apesar do seu aspecto distinto e da sua relativa cultura, emprega a sua atividade como mecânico de uma oficina que se encarrega do concerto de automoveis, no proprio suburbio onde reside. São sete horas de uma tarde risonha de primavera, uma belíssima tarde tropical, ^{aqua} nem mesmo faltam os verdes e longos dedos das palmeiras altivas, agitando-se ao sopro de uma brisa suave, como a acenar a todos os que se foram, a tudo que o passado transportou para a região longínqua do esquecimento.

É a Hora acri-doce da recordação e da saudade! A silhueta das casinhas baixas, destacando-se num céu pincelado de vermelho e cinza, no seu mutismo e absoluta imobilidade, parece refletir bem a calma e o sucego que aquele pôr de sol delicioso esparge no coração de todas as creaturas. Ah! o casario humilde dos suburbios!... quantos romances quantas tragedias anônimas ~~encobrem~~ as velhas telhas escurecidas pela ação do tempo! Se pudessemos penetrar de uma em uma, auscultar o coração de cada um dos seus moradores! Quanta inveja nos fariam sentir uns e quantas lagrimas nos fariam verter outros!... Bem, deixemos o terreno das divagações e voltemos á casinha modesta de Madame Vilar, que ali apareceu um dia sem que ninguém soubesse como nem de onde, trazendo nos braços o seu filho pequenino. E embora o seu passado permanecesse envolto num manto suave de misterio, mãe e filho impuzeram-se ao respeito e admiração de todos os moradores do suburbio pela extrema bondade dos seus corações e pela solicitude com que emprestavam e davam o pouco que possuíam a todos que deles necessitavam. Vamos encontrar, neste momento, Madame Vilar ás voltas com uma criancinha de dois mezes de idade que fôra recolhida á sua casa naquela mesma tarde;

(Choro de oriança pequena)

~~MADAME~~

Madame - Pobisinho do nenem / tá com fominha, tá filhinho? A vóvó za vai fezê a mamadelinha pa ele. ~~Nem sóla, nenem, nem sóla. Supa o biquinho, tá no babinho que ele tá. A vóvó tá cuidando com ele, não é filhinho? Não que tá adoidado pa ele. Num sola, nenem, nom sola. (como quem acalenta a crianca) Hummmmmmmmm, huuuuuuuuuuu (canta no que achava que era oriança até que o choro cessou) Assim, assim, assim é que a avósinha gosta do nenem. A vóvó za vai fazê a mamadelinha dele.~~

Lucy - (entrando) Dá licença, Madama Vilar?

Madame - Oh Lucy, é você?

Lucy - Boa tarde, como vai a senhora? Ué, mas o que é isto? De quem é essa criança?

Madame - ~~É mais uma das que o Celso costuma fazer. Apareceu-me hoje com esse menino nos braços, pedindo-me que cuidasse dele por alguns dias. É filho de um rapaz que foi seu colega no Ginasio. A mãe está muito doente e o pae não pode faltar ao serviço; ela então lembrou-se de trazer-lo até que as coisas melhorassem para cá até que as coisas melhorarem lá pº eles.~~
É mais uma do Celso.

Lucy - E a senhora aceitou gostosamente a missão de vóvózinha emprestada, não é verdade?

Madame - O que é que eu ia fazer, minha filha? Não seria humano que recusasse prestar ~~um~~ serviços a um amigo de meu filho. ~~nas~~ circunstancias em que se encontra. A moça não tem parentes; a familia do rapaz cortou relações com ela desde o seu casamento.

Lucy - A senhora é um grande coração, Madame Vilar!



- Madame - Ora, Lucy, você exagera. Esforço-me por ser humana, nada mais.
- Lucy - Quando me lembro o que fez por mamãe quando ela esteve doente; quando me lembro do que tem feito a todos que tem vindo bater á sua porta, tenho impetos de saltar-lhe ao pescoço e cobri-la de beijos!
- Madame - Você é encantadora, Lucy. Creio que meu filho não poderia escolher melhor a que virá a ser minha nora.
- Lucy - Se soubesse como me sinto ^{feliz por} orgulhosa de ter merecido a preferência de Celso! ~~Ainda que ele não possuísse todas as qualidades que possui, só o fato de tê-la como sogra seria razão suficiente para que qualquer moça a aceitasse. Ser sua nora, ~~ser~~ esposa de Celso foi o sonho que acalentei desde pequenina! Desde que nos conhecemos no grupo escolar deste suburbio.~~
- Madame - Sonho que sempre peço a Deus ~~de~~ ver realizado, antes que os meus olhos se fechem para sempre.
- Lucy - E ha- de ver, porque Não? A senhora é ainda tão moça.
- Madame - Sou uma velha, minha filha. Quarenta e trez anos. ~~E depois se a idade pudesse ter qualquer influencia na nossa passagem pela vida, as crianças não morreriam.~~
- Lucy - ^{Quem dirá?} ~~Ben,~~ mas a questão é que ~~a~~ senhora é muito forte, graças ao Bom Deus.
- Madame - Não nego que sim, contudo anseio por vê-los casados, minha filha. ~~De uma hora p: outra a gente não sabe o que está p: acontecer.~~
- Lucy - ~~E creio que~~ ^{Minha} ~~minha~~ ~~anciedade~~ ~~não~~ ~~é~~ ~~menor~~ ~~do~~ ~~que~~ ~~a~~ ~~sua~~. (~~entristeci-~~
~~da~~) A questão é que as coisas estão tão difíceis. Tudo tão caro! ~~A~~ ~~gu-~~
~~erra~~ ~~parece~~ ~~que~~ ~~não~~ ~~termina~~ ~~mais~~ ~~e~~ ~~Os~~ dias que vão passando em vez de aproximarem a concretização do meu sonho parece que cada vez mais o vão afastando de mim.
- Madame - Não desanimes, minha filha. O coração me diz que muito em breve acontecerá qualquer coisa que mudará completamente a situação do meu filho e então tudo ha de se realizar conforme desejamos.
- Lucy - Que o seu coração não se engane. Madame Vilar, é o meu sincero desejo!
- Madame - É o teu desejo é o meu, é o desejo de Celso, o desejo de todos nós. (~~ouve-se outra vez o choro da criança~~) Pobre pequeno. Distraí-me a conversar e esqueci-me da sua mamadeira. Está reclamando com toda a razão. Faça-me o favor, Lucy, procure entrete-lo enquanto vou amornar o leite.
- Lucy - Pois não, com todo o prazer. (passos que se afastam) Póbisinho do bebê, tá com fome. Toma o biquinho, toma. A vóvó za foi buscá o leitinho dele. A vóvó za foi fazê a dedela de nenem. (acalentando) Huhuuuuuuuum huuuuuuuuuum, huuuuuuuuuum, huuuuuuuum. Não chora filhinho, que a vóvó já vem, foi buscá o leitinho pra você nenem! (continua cantarolando somente a toada. Dessa o choro da criança. A voz prosegue alguns segundos, apenas na toada que aos poucos vai se apagando até soar o
- (GONGO)
- SPEAKER : - E passemos agora a travar conhecimento com mais dois personagens que terão influente atuação neste romance e que são o Dr. Rafael Mistral, Clinico de grande nomeada, e sua joven esposa Carmen Dóra Soares Mistral, figura de extraordinario relevo nos circulos elegantes da cidade. Ouçamo-los no magnifico Packard de propriedade do referido medico, que os conduz á ~~residência~~ sua residencia, vindos ele do seu consultorio medico e ela de um elegantissimo garden-party em casa de uma das suas inumeras amigas, onde o seu reaparecimento foi o assunto obrigatório de quantos lá se encontravam.
(Ruído de um automovel em movimento, servindo de fundo a todo o diálogo que se segue.)
- Rafael - Não te sentes fatigada, querida?
- Carmen - Não. Sinto-me perfeitamente á vontade. Dansei pouco.
- Rafael - Flirtaste muito?



Carmen - Oh Rafael, que ideia a sua! Francamente!

Rafael - Estou brincando, querida, não te aborreças. Bem sabes que tenho toda a confiança em ti. Se não fosse assim jamais consentiria que fosses a uma festa quando eu não pudesse acompanhar-te.

Carmen - Muito bem, mas você bem sabe que essas caçoadas me desagradam. Tenho sempre a impressão que elas tem um fundo de verdade. que você as faz, não direi por desconfiança, mas por ciúme.

Rafael - E crês, por acaso, que seria possível deixar de sentir ciúmes de ti, Carmen Dora? Não vêes que é razoável, e até certo ponto é humano que eu sinta ciúmes?

Carmen - Rafael, você é um homem inteligente, um homem que compreende as coisas como elas são...

Rafael - (interrompendo-a) Exatamente por isso é que tenho ciúmes. Por ser inteligente e compreender as coisas como elas são é que vejo que sou um homem velho enquanto que tu apenas principias a viver. É por essa mesma razão compreendo que, linda como és, não poderás deixar de ser admirada e cortejada por outros homens. Homens mais jovens e muitos deles possuem todas as qualidades necessárias para prender e seduzir qualquer mulher.

Carmen - As qualidades a que te referes tu também as possues, logo não existem razões para que temas os concorrentes que existem apenas na tua imaginação.

Rafael - Não, Carmen Dora, bem sabes que o meu ciúme não vai ao ponto de criar personagens e que procuro ouvir sempre a voz da razão e proceder de forma a não praticar incoherências. A prova está que te dou a liberdade de assistires às festas de tuas amigas, a frequentares os cinemas em companhia delas, a receberes em nossa casa os amigos dessas amigas e etc, etc. porque faço isto? Porque compreendo que és moça, que é justo que tenhas os teus amigos e que te divirtas dentro dos limites convencionais. Entretanto, se escutasse apenas a voz do meu coração tu jamais sairias de casa senão comigo e a ninguém mais darias um sorriso ou uma palavra senão a mim. A confiança existe e a prova é que tens o meu sentimento para tudo aquilo que a razão parece razoável mas o ciúme existe também...

Carmen - (continuando) porque essa confiança não é absoluta. Do contrario não posso compreender outro sentimento que justifique o teu ciúme.

Rafael - Compreendo-o eu. Por egoísmo. Nós homens, á medida que vamos envelhecendo tornamo-nos egoístas.

Carmen - Bem, Rafael, deixemos esse assunto que para mim é bastante aborrecido e falemos da festa. Não me perguntaste si ela estava bonita, si me distraí, se tive saudades do nosso filhinho...

Rafael - Era precisamente nele que eu estava pensando neste instante.

Carmen - E o que pensavas? pode-se saber?

Rafael - Pensava que foi o egoísmo que m'o fez desejar tanto! Á medida que os meus cabelos embranqueciam, mais aumentava o meu receio de que diminuíssem os atrativos que me restavam para prender-te. Foi então que pensei que talvez um filho te conservasse presa a mim quando mais nada houvesse em mim mesmo capaz de ter prender. E passei a desejar-lo com tal fervor que Deus houve por bem atender aos meus rógos.

Carmen - Então toda aquela tua ansia de paternidade nada mais era do que uma cilada para mim?

Rafael - Pense antes que era um lenitivo que eu buscava para a minha intranquilidade.

Carmen - Bem, mudamos de assunto. Já te disse que este me aborrece. Diverti-me bastante na festa e gostaria de guardar comigo essa agradável impressão. Não procure desmancha-la, peço-lhe.

Rafael



Rafael - Está bem, desculpa-me.

Carmen - Carlota achou maravilhoso o meu vestido! Ficou espantada como pude, em pouco mais de dois meses, readquirir a minha antiga forma. Madame Carlet não se cansava de elogiar a minha elegancia e Gisela não despregou os olhos de mim durante todo o tempo. Creio que hoje não me sobrou tempo para um flirt sequer. Enfim, creio que o meu reaparecimento foi um triunfo.

Rafael - E enquanto verificavas esse triunfo tiveste tempo para pensar em mim ao menos uma vez?

Carmen - Uma vez, não. Diversas vezes. Ainda que pretendesse esquecê-lo as suas admiradoras não me teriam dado essa oportunidade. A todo o momento acercava-se de mim uma das suas clientes perguntando-me pelo doutor e pela razão da sua ausencia.

Rafael - E sentiste saudade do nosso filho?

Carmen - Não direi propriamente saudade mas lembrava-me dele a propósito de tudo. Quando senti baterem seis horas lembrei-me que devia estar tomando a sua mamadeira. As sete, lembrei-me que Marcelina o deveria estar acomodando no seu bercinho para dormir e pouco depois, vendo um rapazinho de 18 ou 19 anos conversar e dansar animadamente com uma das filhas de Madame Geixas, lembrei-me que o meu Sergio um dia virá a fazer o mesmo e tive uma vontade grande de saber a sensação que estão experimentarei.

Rafael - O teu Sergio. Disseste bem. É certo que quando isso chegar a acontecer eu ja não serei mais do que uma vaga lembrança na vida de vocês dois.

Carmen - Oh Rafael! Porque se mostra tão pessimista hoje? Não cfe em mim?

Rafael - Creio sim, minha querida. Creio em ti porque tu és a vida e a vida é uma grande verdade. Mas ha uma verdade ainda maior, uma verdade que destroi a vida num momento e na qual sou obrigado a acreditar tambem.

Carmen - E qual essa grande verdade?

Rafael - É a morte, Carmen Dora. A morte é a verdade maior.

propaf. (GONGO) propaf. 20

SPEAKER : - E enquanto o dr. Rafael e Carmen Dora vencem no seu Packard a distancia que os separa de sua casa, voltemos ao suburbio para travarmos conhecimento com o filho de Madame Vilar. São quasi nove horas da noite e Celso, que acabou de deixar a officina, conversa, na ~~quina~~ ^{esquina} de sua casa com um dos seus ~~companheiros~~ ^{companheiros} de trabalho. No ~~placido~~ ^{placido} azul e imenso que cobre o casario humilde, as estrelas piscam maliciosas e risonhas. Noite de primavera, absolutamente calma, envolvendo a tudo e a todos no silencio tranquilo que convida a sonhar

.....

Carlos - Trabalhamos hoje que não foi graça.

Celso - É verdade. Ha muito tempo que não se registrava um movimento tão intenso na officina. Sinto-me cansado.

Carlos - E eu tambem; entretanto a noite está tão calma, tão bonita, que a gente sente pena de ir dormir.

Celso - Concorde com você, ^{mas} entretanto não devemos esquecer que a vida continua e que não podemos nos dar ao luxo de ficar contemplando a lua pela noite á dentro. Amanhã, bem cedo, a officina nos espera novamente.

Carlos - E se não trabalhar-mos não teremos o que comer.

Celso - Hoje não tive nem mesmo o lenitivo de passar o serão com Lucy. Apenas conversamos quinze ou vinte minutos no intervalo que tive para o jantar.

Carlos - Ela deve ter ficado triste. É natural. Felizmente parece, que tua noiva é uma creatura conformada.

- Celso - Mas tudo cansa, Carlos. Tudo tem limite na vida. Lucy é boa, é confor-
mada, como tu dizes, parece gostar imensamente de mim mas às vezes te-
nho a impressão de que esse prolongamento indefinido do nosso noivado
acabará por exotar-lhe a paciência e.....quem sabe... impeli-la a pro-
curar junto a outro mais afortunado a garantia do seu futuro e a rea-
lização do sonho que toda mulher naturalmente tem. E se isto acontecer
se eu não teria o direito de revoltar-me contra ela. Até certo ponto
é humano. Ela compreende que o tempo não passa impunemente pelas crea-
turas. Tenho-me preocupado muitíssimo Carlos.
- Carlos - Se cres que ela te ama realmente, não vejo razões para que te preocu-
pes. Quem ama, espera.
- Celso - E quem espera desespera.
- Carlos - Isto, no teu modo de ver. Outros acham que quem espera sempre alcança.
- Celso - (após uma pausa de reflexão) É por isto que abomino ~~minha~~ o meu
ternão. Na classe média a que pertença, sei que todos admiram a minha
capacidade de trabalho, esse pouco de preparo que mamãe teve o cuida-
do especial de fazer incutir em mim e que para eles parece uma coisa
extraordinária, a facilidade de discernir certos assuntos que lhes pa-
recem incompreensíveis e uma serie mais de coisinhas pequenas que me
faz admirado por uns e invejado por outros,; entretanto, Carlos, eu te
juro, com toda a sinceridade com que sou capaz de sentir, que preferia
mil vezes ser um desses infelizes que se arrastam pelas ruas da cidade
a mendigar um pedaço de pão para a sua fome e a procurar um recanto de
porta para refugio do seu sono, porque então a minha ignorancia e inca-
pacidade acclariariam a vida como ela é, sem a tortura de estabelecer os
contrastes que revoltam.
- Carlos - Estou vendo que você está muito pessimista hoje, meu amigo.
- Celso - Não é hoje só. Sempre fui. E que apenas não costumo exteriorizar o
que sinto. Hoje estou fazendo uma excepção. É talvez a noite calma que
nos obriga a pensar alto. Nunca achei que deveressemos revelar ao mundo
a nossa dor, porque nunca acreditei que o mundo fosse capaz de compre-
ende-la. Assim, costumo guarda-la, como uma flor perfumada e rara, na
estufa maravilhosa do silencio!
- Carlos - O interessante é que ainda esta tarde saiste por alguns instantes e
voltaste com uma expressão tão grande de felicidade na sisionomia que
acreditei que algo de muito bom haveria-te sucedido, qual a razão des-
sa mudança tão rapida?
- Celso - É que quando penso no futuro, quando olho para a interrogação que o
dia de amanhã representa para mim, não posso deixar de sentir a revol-
ta intima que ha pouco exteriorizei.
- Carlos - Quando pensas em Lucy, deves dizer.
- Celso - Quando penso nela, dizes-bem, porque Lucy é o meu futuro.
- Carlos - Quer dizer então que a tua alegria desta tarde não tinha relação algu-
ma com ela?
- Celso - Não, Carlos. Estava alegre porque pude fazer um grande bem a alguém
que muito necessitava. Lembra-te do Ricardo, aquele menino magro, mui-
to sardento que foi nosso companheiro de ginasio?
- Carlos - Sim.
- Celso - Pois fui informado pelo mulato Benedito que ele se encontrava em si-
tuação verdadeiramente angustiada. A mulher muito doente, na cama,
ele sem poder faltar ao serviço para que nada viesse a faltar nem á
doente nem ao filhinho de dois mezes e pouco e o pobre innocente aban-
donado, sem ter quem o cuidasse, quem lhe mudasse a roupinha ou lhe
preparasse a mamadeira. Deante da impossibilidade de ir pessoalmente
á sua casa pedi ao Benedito que trouxesse a oriança para a minha ca-
sa onde ficará aos cuidados de mamãe até que as coisas se normalizem
naquela lar infeliz. Era essa a sensação de felicidade que a minha



- fisionomia deixava transparecer. A certeza de ter feito um pouco de bem a quem tanto necessitava.

Carlos - É a criança veio para a tua casa?

Osório - Sim. Mamãe cuidará dele com tanto carinho que o pobresinho não sentirá a ausencia da sua mamãe. quando for possível voltará para a sua casa.

Carlos - Como és bom, Celso. Não é a tua inteligencia, não é a tua capacidade de trabalho nem todos os outros predicados que possues que me fazem admirar-te tanto. O que mais admiro em ti é a generosidade do teu coração.

Celso - Não sou bom, Carlos, esforço-me por sê-lo. E esforço-me porque entendo que é um dever que todos temos. E se os que não conseguem ser bons ao menos se esforçarem por não serem maus, o mundo seria bem melhor, acredita. (pausa) Bem, mas eu estou aqui te prendendo e tu naturalmente estás cansado, tens que levantar cedo amanhã, precisas descansar. Boa noite, Carlos.

Carlos - Até amanhã, Celso.

(CONGO)

SPEAKER ; - Retrocedamos um pouco no tempo e na distancia e voltemos a acompanhar o Dr. Rafael Mistral e sua joven esposa Carmen Dora ao regresso ao seu lar. Eles acabaram de chegar e depois de trocar algumas frases com o mordomo que os recebeu subiram aos seus aposentos. No seu luxuoso quarto de vestir, Carmen Dora, enquanto se desvestia do seu abrigo de peles e de algumas joias, conversa com seu marido.

Carmen - Como estará o Serginho?

Rafael - Naturalmente deve estar dormindo tranquilo e sereno. Se não fosse assim já teria chegado até nós o eco da sua vozinha tão nova mas tão estridente quando chora.

Carmen - Acredito que sim, entretanto seria bom chamarmos a Marcelina para sabermos como se portou ele na nossa ausencia. Toque a campainha, Rafael. (passos, ruído de campainha distante)

Rafael - Vais deitar-te?

Carmen - Não. Descerei para assistir o teu jantar e depois lerei um pouco.

Rafael - Porque assistir o meu jantar? Devias jantar tambem.

Carmen - Não tenho vontade. Comi sandwiches, muitos doces, Tomarei, quando muito, uma chicara de chá.

Rafael - Chá não alimenta.

Carmen - Mas não sinto necessidade alguma de alimento, agora, Rafael.

Rafael - Está bem, não insistirei mais.

Carmen - Toca outra vez a campainha que a Marcelina não atendeu. (passos campainha longo)

Rafael - Provavelmente já se deitou tambem. (passos que retornam) Escuta, meu bem, si tu estás cansada não precisas descer. Eu jantarei sosinho. Mandar-te-ei trazer aqui o chá e poderás toma-lo na cama.

Carmen - Já te disse que estou perfeitamente bem. Não sinto o menor cansaço. Far-te-ei companhia ao jantar, tomarei lá em baixo o meu chá e depois então virei deitar-me para ler um pouco.

Rafael - Um pouco. Não fazer como a noite passada que acordei ás tres horas da manhã e continuavas com a luz acesa.

Carmen - Estava no ponto mais empolgante do romance não queria interromperlo.

Rafael - Ai está porque detesto os romances.



- Carmen - Rafael, faça o favor, toque de novo a campainha que Marcelina até agora não atendeu. (passos, campainha ao longe)
- Rafael - Deve estar dormindo, com toda a certeza.
- Carmen - Mas que sono pesado que tem essa criatura. Cesse goito a criança poderá chorar a noite toda que ela não se acordará. De mais, ela tinha que compreender que não deveria deitar-se sem que nós tivéssemos chegado. Era natural que desejássemos saber notícias do nosso filho. (batidas leves na porta) Entre. (ruído de porta que se abre) Marcelli... Ah é você, Antonio?
- Antonio - Sim, madame, sou eu. Senti lá em baixo a campainha soar tres vezes e como prestando atenção vi que ninguem havia atendido, apesar de não ser esse o meu serviço subi para saber se deseja alguma coisa.
- Rafael - Minha senhora quer saber notícias do nosso filho. Creio que a ama deitou-se e pegou no sono. Você vá á porta do quarto e veja se consegue desperta-la sem acordar o menino.
- Antonio - Perfeitamente, doutor. Irei em seguida. (passos que se afastam)
- Carmen - Não sei porque, começa a inquietar-me o silencio de Marcelina. Ela nunca deixou de me atender ao primeiro chamado.
- Rafael - Não ha razões para inquietação, minha querida. São coisas que acontecem. Um dia a criatura está mais cansada, por este ou aquele motivo dormiu mal a noite anterior e o sono naturalmente é mais profundo e por conseguinte mais difícil de acordar.
- Carmen - Vou passar-lhe uma repreensão. Serci até mesmo capaz de substitui-la. Sim, porque afinal uma creatura que tem um sono assim tão pesado não pode ocupar-se de tomar conta de uma criança durante a noite. Se a criança acorda, chora, ela nem se dá conta. E o Antonio porque é que não vem?
- Rafael - Tem calma, Carmen Dora, tu estás nervosa. Ela vem já.
- Carmen - Claro que estou nervosa. Achas que não tenho razão para isso? No minimo essa rapariga foi ao cinema com o namorado e deixou a criança sozinha dormindo.
- Rafael - Mas ele está quietinho, não está chorando., não vejo razões para que fiques assim agitada. Não precipitemos julgamentos. O Antonio já deve vir de volta.
- Antonio - (gritando de longe) Muito aflito) Dr. Rafael, dona Carmen! Depressa, ajudam. Venha depressa doutor!
- Rafael - (correndo) O que foi Antonio?! O que aconteceu? O que terá sucedido meu Deus?
- Carmen - (com voz sumida) O meu filho! Bem me parecia que alguma coisa havia acontecido. O meu coração havia presentido.
- Rafael - (distante) Depressa, Antonio, depressa, vamos homem mova-se, por Deus.
- Carmen - (gritando) Rafael. (mais alto) Rafael! Onde está o meu filho, Rafael? Eu quero o meu filho! (afastando-se e gritando sempre) Eu quero o meu filho! (já distante) eu quero o meu filho!.... X

(GONGO)

30

SPEAKER : - E passados os primeiros momentos de estupefação em que o Dr. Rafael Mistral completamente desorientado não sabia ao que atender primeiro, vamos encontrá-lo completamente transfigurado pela angustia que lhe oprime o coração, telefonando para a repartição de policia afim de pedir providencias urgentes para o misterio daquela grande tragedia que se lhe afigurava o terrivel naufragio de sua vida.

(telefone ligando e depois a chamada. A voz do delegado de plantão deve ser ouvida a certa distancia para dar a impressão de que ele se encontra realmente do outro lado da linha).

- Rafael - Alô, quem fala?
- Delegado - É da Delegacia de Polícia. É o delegado de plantão.
- Rafael - Sr. Delegado, por favor, preciso do seu auxílio imediato. Acaba de se passar uma coisa horrível na minha casa.
- Delegado - Explique-se com calma. Quem é que fala aí.
- Rafael - Fala aqui o dr. Rafael Mistral. Estou falando da minha casa mesmo. É na avenida das Palmeiras 12-32. Escute senhor delegado o que nos aconteceu.
- Delegado - Estou escutando, doutor. Mas fale com calma afim de que eu possa compreender bem o que o senhor diz.
- Rafael - Procurarei ter calma, sr. delegado. Mas é uma coisa horrível o que está nos acontecendo.
- Delegado - Fale.
- Rafael - Eu e minha esposa estivemos ausentes da casa a tarde toda. Isto é, eu depois do almoço e ela depois das quatro e meia da tarde por ter ido assistir a um garden-party em casa de uma amiga.
- Delegado - Já sei, e na ausencia de ambos as joias foram todas roubadas?
- Rafael - Nada disse, deixe-me falar. Regressamos ha pouco e encontramos a empregada do nosso filhinho narcotizada e a criança desapareceu. Imagine que coisa horrível. O meu filho desapareceu. O nosso filho desapareceu. O nosso unico filhinho! Raptaram-no e o senhor terá que descobrir os miseráveis antes que eles o matem. Senhor delegado, por favor, eu lhe suplico, ajude-me a encontrar o meu filho. Eu tenho que encontra-lo. Eu preciso encontra-lo. Ele é tudo para mim compreende? Tudo.
- Delegado - Um momento, dr.: Não havia mais ninguém em casa além da criada e da leriaça?
- Rafael - Dois antigos mordomos e a cosinheira.
- Delegado - E eles nada virem nem ouviram?
- Rafael - Absolutamente nada. Estão estupefatos como nós.
- Delegado - E esses empregados são de sua inteira confiança, doutor?
- ~~Rafael~~
Delegado - De absoluta confiança, senhor. Foram todos empregados da casa de meus pais e mais meus amigos do que propriamente empregados.
- Delegado - Bem, doutor, eu vou imediatamente para aí com dois dos meus homens de confiança.
- Rafael - Mas venha depressa, por favor, eu preciso descobrir o meu fálho o quanto antes.
- Delegado - Havemos de fazer o que puder, esteja descansado. O seu endereço é Avenida das Palmeiras numero?
- Rafael - Doze trinta e dois. Mas venha já, não demore.
- Delegado - Iremos em seguida. (ruído de desligar o telefone)
- Rafael - (apos uma pausa) O meu fálho!... O meu querido filho!... Raptado!... O que fiz eu para merecer tão grande castigo, meu Deus? Não, não ppe de ser. Eles não deverão mata-lo. Eles não poderão mata-lo. A morte do meu filho seria a morte de todas as minhas esperanças. E eu não resistiria. Sinto que não teria forças para sobreviver! Si ao menos me fosse dado saber o objetivo desta rapto. Si eles ao menos quizessem dinheiro para devolve-lo. Eu lhes daria todo o dinheiro que tenho, todo! Ficaria na miseria. Iria trabalhar fosse onde fosse para começar novamente a minha vida mas com o meu filho patinho de mim.



- Sim, faria isto. Estou certo que o faria porque finalmente para que nos serve o dinheiro quando a felicidade nos foge?
- Antonio- (entrando afobado) Doutor Rafael, veja, encontrei este bilhete no berço do menino. Eles querem ~~o~~ dinheiro para devolve-lo.
- Rafael - Dinheiro? Dinheiro tu disseste?
- Antonio- Sim, dr. dinheiro. Veja o que diz o bilhete.
- Rafael - Dinheiro! Eu o darei, sim. Darei tudo o que quizerem, contanto que me restituam o meu filho. Vai, dize-lhes que darei toda a minha fortuna em troca daquele entezinho que é a minha felicidade!
- Antonio- Escute, doutor...
- Rafael - Vai, vai depressa, *homem* o que estás esperando? ^Po dinheiro que eles querem, não é verdade? Pois eu já não disse que lhes darei dinheiro. Porque não me devolvem o meu filho, porque?
- Antonio - Tenha calma, doutor, leia o bilhete, ao menos.
- Rafael - Tens razão, Antonio. É preciso ter calma. Deixa-me ver o que dizem esses bandidos. (lendo) "Dr. Rafael" O seu filho ficará em nosso poder até que se resolva a aceitar as condições que agora lhe impomos para que possa readquiri-lo. Metade da sua fortuna deverá ser entregue á pessoa que o procurará qualquer dia destes em seu consultorio sob a forma de um cliente. Qualquer providencia para prende-lo ou segui-lo poderá custar senão a vida pelo menos a ausencia total do pequeno. Responda se aceita ou não as condições impostas num bilhete que poderá colocar por baixo da toalha do Altar de São Benedito na Catedral de Santa Clara até á tarde de amanhã." (desvairado) Aceito, sim, já disse que aceito. Estava disposto a dar até mesmo a minha fortuna inteira para readquiri-lo. Vai Antonio, vai depressa. Não demores mais num minuto. Eu vou morrer de ansiedade até poder apertar novamente o meu filho nos meus braços. Vai, Antonio, porque esperas? Vai.
- Antonio- Dr. Rafael, o senhor está muito nervoso. Está muito exaltado. Vamos pensar as cousas com calma. A esta hora a Catedral de Santa Clara está fechada e não é possível colocar lá o bilhete como eles exigem. Amanhã cedo o senhor fará a resposta e eu irei coloca-la debaixo da toalha do altar de São Benedito, conforme eles dizem aqui. Esperaremos então o cliente que ha de aparecer e aí então combinaremos a forma da restituição do pequeno.
- Rafael - É isto mesmo, Antonio, tens toda a razão. Tens mais calma e melhor discernimento do que eu. Mas é porque não és pai. Si o fosses estarias como estou agora., tenho a certeza.
- Antonio- Acredito que sim, doutor.
- Eva - (entrando) Há licença, doutor?
- Rafael - O que é que ha Eva?
- Eva - A senhora continua desacordada e já se passaram os trinta minutos que o senhor mandou marcar para observar o efeito da injeção.
- Rafael - Vou fazer-lhe outra agora. E a empregada?
- Eva - Move-se de vez enquando, diz palavras sem nexo e a maior parte do tempo permanece imovel sob a ação do narcotico.
- Rafael - Não tardará muito a despertar. Não convem mexer com ela. Pelo tempo que levar a voltar a si poderei mais ou menos verificar a hora em que se deu o rapto do meu filho.
- Eva - Quer que faça uma nova injeção na senhora?
- Rafael - Sim, pode fazel-a. Marque a hora e observe os efeitos.
- Eva - Perfeitamente, doutor. Com licença. (passos que se afastam)



II EPISÓDIO

(Característica forte, servindo de fundo ás palavras do:)

SPEAKER : - Antes de iniciarmos o segundo episodio do " O Segredo de Madame Vilar", façamos uma ligeira recapitulação dos fatos desenrolados anteriormente. Os nossos ouvintes devem estar lembrados que Madame Vilar e seu filho Celso haviam recolhido á sua modesta casinha de suburbio uma creança cujos pais se encontravam em situação muito difficil. Celso e sua mãe eram já bastante conhecidos e apreciados por todos os moradores do bairro onde residiam, não só porque eles ali moravam desde muitos anos, como, principalmente, porque costumavam servir a todos que deles necessitavam com o maior desprendimento e a melhor boa vontade, embora os seus recursos fossem limitadissimos. Viviam apenas do ordenado de Celso que empregava a sua atividade numa oficina mecanica que se occupava do concerto de automoveis. Celso, como todos os rapazes de sua idade, tinha tambem o seu caso amoroso. Estava noivo de Lucy, sua antiga vizinha, e só não a trouxera ainda definitivamente para o seu lar pelas dificuldades sempre crescentes da vida. Sua mãe, compreendendo a angustia e a revolta interior que aquela demora despertava no coração de seu filho, esforçava-se por encontrar uma solução que lhe permitisse realizar o mais depressa possível o seu grande sonho de felicidade. Continuava a fazer as suas costurinhas, á custa das quais o havia mantido, desde que misteriosamente se havia refugiado naquele cantinho do mundo e até que ele alcançasse uma idade que já lhe permitisse trabalhar pelo seu proprio sustento. É certo que com o trabalho dos dois as coisas haviam melhorado bastante mas a generosidade do coração de ambos fazia com que dessem aos menos afortunados que eles, aquilo que poderiam economizar para o futuro. Alem desses dois personagens que acabamos de recordar, os nossos ouvintes travaram tambem conhecimento com o Dr. Rafael Mistral, homem maduro e medico de grande nomeada, e sua jovem esposa Carmen Dora. É ficamos exatamente no ponto em que tendo eles regressado ao seu lar, vindos ele do seu consultorio e ela do garden party realizado por uma de suas amigas, tiveram a grande desventura de encontrar narcotizada a empregada encarregada de cuidar do seu filhinho de dois mezes e este misteriosamente desaparecido. Antonio, um velho criado da casa, encontrou no berço da criança um bilhete em que os raptadores exigiam que metade da fortuna do Dr. Mistral fosse entregue a um cliente que iria procura-lo em seu consultorio, a fim de que o menino lhe fosse devolvido. O Dr. Rafael, que já de ra parte á policia do ocorrido, ao encontrar o bilhete resolveu oculta-lo pois temeu que as providencias da policia pudessem levar os raptadores a sacrificar a vida de seu filhinho e assim dispoz-se a obedecer, sem reagir, a todas as instruções deles recebidas. Mandou o seu velho mordomo á Igreja de Santa Giara, colocar debaixo da toalha do altar de São Benedito, como havia sido combinado no bilhete, a resposta concordando com todas as imposições que lhe haviam sido feitas, desde que a criança lhe fosse entregue com vida. Seu filho não só era um pedaço do seu ser, como, principalmente, o élo que prendia a si mesmoaquela esposa tão mais jovem do que ele, que apenas se deixava querer e a quem ele amava mais do que á propria vida. Estamos agora no dia seguinte aquelle em que se deu o rapto, que foi amplamente divulgado por todos os jornais da cidade. Vamos encontrar Lucy a comentar o referido fato com uma antiga vizinha não mais residente no suburbio e que ali fora para cumprír uma promessa feita ao Santo Antonio da igrejainha do bairro. É ela dona Biquinha, senhora de cincoenta e dois anos de anciedade á espera do principe que não vem. Passemos a escuta-las.

Lucy - " que coisa horrivel! quando li hoje a noticia no jornal fiquei toda arrepiada.

Biquinha - " E si você visse então o desespero daqueles pais - pois é - aí mesmo é que você sentiria partir-lhe o coração, pois é. Uma coisa horro-



- rosa. Pois é. Uma coisa alucinante, uma coisa de fazer tremer as fibras todas das criaturas mais insensíveis, pois é.

Lucy - É a policia até agora....

Biquinha - Não fez nada, minha filha. Absolutamente nada, nada, nada, nada, nada. Pois é. E o dr. Rafael está disposto a pagar uma fortuna para encontrar o filho. Você sabe que ele é muito rico, é riquissimo! Milionario muitas vezes.

Lucy - Eu sei. É uma fortuna...

Biquinha - que ninguem sabe como foi adquirida. Como aliás acontece sempre com a maior parte das grandes fortunas. Ninguem sabe de onde veio, nem de onde saiu. Pois é. Eu conheci o dr. Rafael no tempo que ele era menino. Ele é muito mais velho do que eu mas ainda me lembro dele pequenino, ~~pequeno~~. Naquele tempo ele não tinha onde cair morto. Tinham casa propria é verdade, mas uma casa que não valia mais de meia duzia de contos de reis. Eu sei que de uma hora para outra apareceu palacete, appareceram automoveis, joias, etc, etc. Pois é. Eu sei bem a vida deles. Meu Deus, si sei! Ele quiz casar comigo mas eu não quiz porque ele era muito mais velho do que eu. Pois é. Mas nos damos muito, somos muito amigos e amigos muito antigos, pois é.

Lucy - Mas não ha nenhum indicio?

Biquinha - *Sim. O indicio que ha, é uma...* *Fim do 3º Cap.*
 Si você conhecesse o garotinho deles! Que encanto! Que amor! Que sonho de criança! Pois é. Chamava-se Sergio! A mãe chora que é um desespero! Imagine você que ficou desacordada mais de 10 horas e não havia injeção que a fizesse retornar aos sentidos. Pois é. O pai então si já era velho envelheceu mais de dez anos nestas poucas horas! Uma coisa alucinante! Verdadeiramente alucinante! Pois é. Mas dá pena ver-se as criaturas. A sua dor é tão intensa que faz chorar ás proprias pedras! Eu ha muito tempo não boyava os meus pés na casa deles. Desde que casaram. Como ele pretendeu casar comigo noutros tempos ela parece que não me recebeu com muito bons olhos e eu jurei não botar mais os meus pés lá, mas afinal num momento desses a gente não pôde deixar de ir, não é mesmo? Pois é.

Lucy - Eu apesar de não conhece-los, quando vi a noticia no jornal...

Biquinha - Mas os jornais nunca dizem as coisas como elas são, não é mesmo? Pois é. Foi por isso que quiz ir lá saber as coisas bem como se haviam passado. Ele, quando me viu, veio ao meu encontro deitou a cabeça sobre o meu hombro e chorou copiosamente. Chorou desesperadamente. Chorou como uma creança. A gente fica comovida, não é mesmo? Pois é. Eu fiquei toda arripiada, completamente arripiada! Indaguei tudo como foi e ele me contou tudo, tudo, tudo. Direitinho!, direitinho, direitinho. Pois é.

Lucy - Não sabia que a senhora tinha relações com eles. A verdade é que...

Biquinha - Meu Deus! O dr. Rafael? Mas nos damos desde pequeninos. pis ele quiz até casar comigo, minha filha. Queria casar. Pois é. Casar na igreja de véu e grinalda. Eu é que não quiz porque... porque mesmo que eu não quiz meu Deus?

Lucy - Porque ele era muito mais velho do que a senhora.

Biquinha - Foi isto mesmo. quem foi que te disse minha filha? Com certeza já tinha ouvido falar nesse caso, não foi?

Lucy - A senhora ha pouco...

Biquinha - Pois é, foi um caso tão comentado na época. Não houve quem não falasse. Foi um caso muito comentado. Com certeza você deve ter ouvido falar nele, não é mesmo? Pois é. Eu não quiz casar com ele. A diferença de idades não quereria dizer grande coisa porque tem se visto tanto os homens mais velhos muito mais velhos que as mulheres darem-se perfeitamente com elas, não é mesmo? Pois é. Mas a questão é que naquela época ele não tinha onde cair morto. De repente é que surgiu essa fortuna imensa que ele hoje possui e que ninguem sabe de onde saiu. Pois é. uma vez ela

- quiz namorar depois da minha recusa. Ficou tão apaixonado, tão apaixonado que só agora depois de velho é que pensou em casar-se. Pois é. Casou sem gostar dela. Casou por despeito, todo o mundo diz. Pois é. E agora estava faceirissimo com o filho. Também, pudera não. Uma crinaça linda, lindissima, maravilhosa, mesmo. Pois é.

Lucy - A senhora o conheceu?

Biquinha - Não conheci porque ha muito tempo não áa lá. Mastodo o mundo diz que era uma creança alucinante. Um amor de garoto! Olhos muito vivos, muito expressivos. O cabelo muito crespinho, muito loirinho! Pois é, uma verdadeira maravilha. O que tornava o pequeno ainda mais encantador diziam todos que era um sinalzinho sobre a palpebra. Que coisa interessante, não é mesmo? Pois é.

Lucy - (muito espantada) Loirinho? Com um sinalzinho preto sobre a palpebra?

Biquinha - Que coisa alucinante deve ser, não é mesmo? Pois é. Eu quando me casar e tiver um bebesinho hei de querer que ele tenha tambem um sinalzinho sobre a palpebra. Deve ser uma graça um sinalzinho sobre a palpebra, não é mesmo? Pois é.

Lucy - (como que refletindo) Bem como o outro. Loirinho, olhos vivos, o sinalzinho...

Biquinha - Você parece que se impressionou com a descrição que lhe fiz do pequeno, não é? Pois é. E se o visse então mais impressionada ainda ficaria. E depois muito vivinho, muito espertinho. Um amor verdadeiro. Pois é. Mas a todas estas eu estou aqui escutando o seu assunto sem me lembrar que Santo Antonio está me esperando. Prometi-lhe uma trezena e devo ir em seguida. Santo Antonio me perdoará. Ele tambem se a ouvisse ficaria encantado com a sua palestra e por esta razão ha de me perdoar por chegar atrasada, não é mesmo? Pois é. Então adeusinho, minha filha adeusinho. De um abraça a sua mãe e quando aparecer pela cidade não esqueça de fazer-me uma visitinha. Gosto muito da sua palestra. Ela é tão interessante, tão interessante, não é mesmo? Pois é.

Lucy - Passe bem, dona Biquinha.

Biquinha - (saindo) Não esqueça, heim? Quando for pela cidade apareça lá em casa. ~~Vá~~ tomar um chasinho. Você gosta de chá? Não é mesmo? Pois é. Pois então apareça. Adeusinho. (passos precipitados que se agastam).

Lucy - (depois de uma pausa) Loirinho...olhos muito vivos...um sinalzinho preto sobre a palpebra...Será ele? Será ele?...!

(GONGO)

(Caracteristica forte servindo de fundo as palavras do:

SPEAKER : - É uma hora depois, vamos encontrar o irmão de Lucy á procura de Celso na officina onde este ultimo trabalha.

Breno - Boa tarde.

Carlos - Boa tarde.

Breno - O Celso não está?

Carlos - Não. Saiu antes do almoço para atender um automovel que partiu o diferencial na estrada da Pedreira e não voltou até agora.

Breno - E será que vai demorar muito ainda?

Carlos - Não sei! Queres deixar algum recado?

Breno - Não. Eu espero um pouco. Tenho um assunto muito importante a tratar com ele.

Carlos - Tu tratando de assuntos importantes é forte, Breno. A não ser o football e o cinema nada mais merece a tua consideração.

- Breno - Mas a questão é que desta vez trata-se de um assunto que pode me trazer muita grana.
- Carlos - Palavra de honra que estou começando a ~~divertir-me~~ me sentir curioso.
- Breno - O diabo é que o Celso está demorando e eu não tenho paciência para esperar. Estou louco para ir á policia.
- Carlos - A policia? Mas que diabo é isso? Com que então o assunto é assim tão sério mesmo?
- Breno - Serissimo. Eu até já pensei que talvez fosse melhor não dizer nada ao Celso.
- Carlos - Que diabo! Tu nem mesmo sabes o que queres. Afinal que negocio é esse? Desembucha logo.
- Breno - Escuta, Carlos, nós podiamos fazer o negocio de vaca ~~sã~~ tu quizesse me ~~ajudar~~ dar as informações que necessito.
- Carlos - Fala rapaz, diz logo o que é.
- Breno - Tu não leste hoje no jornal o rapto de uma criança filha de um medico muito rico?
- Carlos - Li, porque?
- Breno - E não leste tambem que a policia promete uma boa remuneração a quem dar noticias da creança?
- Carlos - Li.
- Breno - Pois seu Carlos eu sei onde está essa criança.
- Carlos - Sabes?
- Breno - Sei. Na casa do Celso.
- Carlos - (dando gargalhadas) Não sejas idiota, Breno. Deixa de dizer bobagens. (continua rindo) Imagina só. O Celso gangster, Tem graça. (ri)
- Breno - Tu estás rindo, não é? Pois foi a minha propria irmã que disse que os traços da criança roubada são exatamente os mesmos da creança que Celso recolheu em sua casa.
- Carlos - Lucy te disse isto?
- Breno - A mim não mas estava dizendo para a velha no quarto e eu escutei tudo de fóra. Nós podiamos denuncia-lo á policia e recebiamos os dois a gratificação. Que tal?
- Carlos - Mas isto é absurdo. Não pode ser.
- Breno - Foi Lucy que disse, com os olhos muito espantados, que os traços eram os mesmos.
- Carlos - Mas a creança que Celso recolheu em sua casa é filha de um seu ex-colega de Ginasio e foi o preto Benedito que foi buscar em casa do proprio pai.
- Breno - Quem nos dirá que esse tal preto Benedito não a tenha raptado de casa dos pais e a tenha recolhido á casa de Celso como sendo filha de outros?
- Carlos - Tens razão, Breno. Não seria de todo desinteressante que fizemos uma comunicação á policia, entretanto parece-me que seria conveniente ouvirmos primeiro o preto Benedito.
- Breno - Eu acho exatamente o contrario. Não deveriamos falar nada a ele e nem mesmo ao Celso. O preto não iria confessar a nós o seu crime e Celso se chegasse a descobrir a verdade entregaria a creança, receberia a gratificação prometida e nós ficaríamos no bra veja.
- Carlos - Tens razão mais uma vez. porque deixariamos cair nas mãos de Celso um

- dinheiro que poderia vir a ser nosso? Quanto prometem eles pela creança, não sabes?

Breno - Vinte contos. Tocariam dez a cada um. Imagina só eu com dez contos! Eu acho que nem existe tanto dinheiro!

Carlos - Seu Breno, mãos á obra. Não percamos tempo. Vamos imediatamente á policia.

(GONGO)

(Caracteristica forte ao principio e servindo de fundo depois ás palavras do)

SPEAKER: - E duas horas depois, na delegacia do distrito, vamos encontrar Celso sendo inquirido pelo delegado.

Delegado - Desde quando essa criança acha-se recolhida á sua casa?

Celso - Desde ante-hontem ás quatro ~~quatro~~ e meia da tarde, mais ou menos.

Delegado - Quem foi que a levou até lá?

Celso - O preto Benedito.

Delegado - Quem é esse homem? Conhece-o ha muito tempo?

Celso - Desde que me entendo por gente. Habituei-me a vê-lo sempre no armazem da esquina onde eu ia sempre buscar as compras para minha mãe. Era ele que sempre aos sabados lavava a nossa casa e fazia para mamãe qualquer carroto que ela proventura tivesse necessidade.

Delegado - E o sr. tem absoluta certeza que esse homem falou a verdade?

Celso - Não posso atinar com a razão porque teria mentido.

Delegado - O sr. esteve em casa do seu ex-colega? Constatou que ele em realidade estivesse com a mulher doente e que a creança que se acha recolhida á sua casa fosse realmente filha dele?

Celso - Não senhor. Os meus afazeres não me permitiram arredar pé da officina, ante-hontem. Benedito chegou lá contando-me das miserias que virificara em casa do meu ex-colega. As aflições em que se encontrava com a mulher doente e a creança abandonada á sua propria sorte. Senti uma pena enorme. Tive vontade de correr á sua casa e trazer a creança comigo, como, entretanto, o meu serviço não me dava tempo para sair, pedi ao proprio Benedito que fosse lá e fizesse por mim o oferecimento da creança ficar em nossa casa até que a mulher se restabelecesse. Á tarde ele veio me comunicar que trouxera o pequeno e que o deixara com minha mãe. Foi então quando saí e dei um pulo rapido até a minha casa para ver o menino.

Delegado - E sua mãe conhecia os pais da creança?

Celso - Lembrava-se vagamente do pai, do tempo em que eramos colegas.

Delegado - Está ela a par do rapto do filho do dr. Rafael?

Celso - Sim, comentamos ligeiramente o assunto na hora do almoço e ela se mostrou muito penalizada.

Delegado - Muito bem. O sr. vai ter a bondade de esperar um pouco que eu vou fazer com que ela venha até cá e traga a creança tambem.

Celso - Doutor...eu vou lhe pedir um grande favor...

Delegado - Fale.

Celso - Minha mãe é muito nervosa, muito suscetivel...se o sr. me quizesse dar permissão de ir eu mesmo busca-la...Tenho receio que se assuste ao ver chegar a policia sem estar preparada...Juro-lhe que nada farei para occultar qualquer coisa. Pelo contrario. Tenho até o maximo interesse em

- descobrir toda a verdade. O sr. me conhece ha tantos anos, creio que não poderá duvidar da minha palavra.

Delegado - Absolutamente. Sei que você é um homem de palavra e não deixará de cumprir o que prometeu. Vá.

Celso - Muito obrigado, doutor. Eu voltarei dentro de alguns minutos.

Delegado - Perfeitamente. (passos que se afastam)

(GONDO)

(Caracteristica forte a principio e servindo depois de fundo as palavras do)

SPAEAKER :- E alguns momentos depois vamos encontrar Celso dirigindo-se para sua casa. Quando vai a entrar encontra-se com Lucy que vem saindo. Ela nota a grande preocupação que o aflige enquanto que a ele não passa despercebida a apreensão que Lucy reflete na sua fisionomia.

Lucy - Tu em casa a esta hora?

Celso - É verdade. Mamãe está?

Lucy - Sim. Está mudando as fraldas do pequeno. Eu mesma dei-lhe a mamadeira. Está espertinho que dá gosto. Que olhos vivos ele tem e que original a-quele sinalzinho preto que tem em cima da palpebra. Com quem se parece ele? Com a mãe ou com o pai?

Celso - Lucy você me desculpe. Saí ligeiramente da oficina para trazer um recado á mamãe. Não posso conversar agora. Á noite conversaremos com vagar.

Lucy - Está bem, Celso, não quero atrapalha-lo. Vá cedo, então. Até logo.

Celso - Até logo, querida. (passos que se afastam. Chamando) Mamãe! Mãesinha!

Madame - (de longe) O que é meu filho?

Celso - (passos sempre perto do microfone) Onde é que estás?

Madame - (Já mais perto) Aqui no meu quarto. O que é que tu queres?

Celso - (andando e falando) Preciso falar contigo.
(perto)

Madame - Estou aqui mudando as fraldinhas do pequeno. Pronto. Agora fique aí quietinho como um mocinho bonitinho. Nada de chorar. O que ha meu filho?

Celso - Mamãe, eu queria que tu te vestisses para irmos dar uma volta.

Madame - Mas filho, que ideia é essa? Eu preciso tratar do teu jantar. Essa creança tem atrasado muito o meu serviço.

Celso - Não se preocupe com o jantar. Ha tempo de sobra. Não nos demoraremos muito na rua.

Madame - Não é possível, meu filho. Quem irá ficar com o pequeno? Se tivesses chegado um pouco antes... Lucy saiu agora mesmo daqui. Pediria a ela que ficasse tomando conta dele alguns instantes.

Celso - Ele irá connosco. Um pouco de ar far-lhe-á bem.

Madame - Estás louco? A tarde está muito fria. Ele ficaria resfriado e depois não só nos traria incomodos como preocupações. Nas creanças pequenas um resfriado é sempre grave.

Celso - Desculpe, mamãe, a minha insistencia, más é absolutamente necessario que a senhora me acompanhe.

Madame - Mas onde vamos, afinal?

Celso - Muito perto, a menos de seis quadras daqui.

Madame - Mas para que? Porque queres tu que te acompanhe? Confesso que estou

- surpreendida pelo teu convite e que a tua insistencia começa a me deixar alarmada.
- Celso - Escute, mamãe: lembra-se daquele fato que comentamos hoje no almoço que o jornal noticiou?
- Madame - (asustada procurando despistar) Do rapto daquela creança? Filho de um doutor, me parece...é á isto que te queres referir?
- Celso - Exatamente.
- Madame - Sim, mas...o que temos nós a ver com esse fato?
- Celso - É que essa creança que está conosco parece não ser filha do meu ex-colega de Ginasio.
- Madame - Mentira. Quem te afirmou uma coisa dessas? É filha dele, sim. Tenho certeza. Tenho certeza absoluta. Querirão por acaso dizer que esta é a creança que foi roubada ao tal doutor?
- Celso - Pelo menos é o que a policia suspeita.
- Madame - A policia? Mas o que tem a policia a ver com isto?
- Celso - A policia tem que esclarecer os fatos, simplesmente e procurar os culpados para puni-los.
- Madame - Sim...realmente...mas o que temos nós afinal a ver com tudo isto? Nós apenas recolhemos á nossa casa o filho de um casal necessitado. É uma caridade que fazemos. Eles pretenderão impedir-nos de praticar o bem?
- Celso - Não, mamãe, absolutamente. A senhora está nervosa e não ha razões para isto. A policia soube que abrigamos em nossa casa uma creança de dois mezes e pouco.
- Madame - Soube porquem? Quem lhe foi contar isto?
- Celso - Não sei. Negaram-se a dizer-me. O fato é que sabem isto e pela coincidência de no mesmo dia e quasi ás mesmas horas ter desaparecido uma outra creança da mesma idade, querem identificar a creança que nos foi entregue.
- Madame - É porque a policia pretende identificar a creança que resolvi, ou melhor, que resolvemos abrigar em nossa casa para fazer um bem aos pais aflitos te entendes que eu devo leva-la numa tarde de chuva á delegacia do distrito, atriscando-a a apanhar um resfriado ou quem sabe até uma pneumonia? Não senhor. É a responsabilidade que teremos se isto chegar a acontecer?
- Celso - Mamãe, seja razoavel. Não procure complicar uma situação que poderá vir a nos aborecer muitissimo. Vista-se num instante e vamos.
- Madame - Mas, e o pequeno, Celso? Tu não ves que está chovendo?
- Celso - Podemos enrola-lo bem no cobertorsinho.
- Madame - Não senhor. Absolutamente não. É inutil insistir. Se ~~xis~~ quiserem verificar alguma coisa que venham ~~á~~ cá. A creança não sairá á rua com uma tarde dessas. Não consinto.
- Celso - Bem, eu havia prometido ao delegado que estaríamos lá dentro em pouco. Já que não é possivel convence-la de acompanhar-me irei pedir-lhe para que venha até cá.
- madame - Não admitirei que me tirem esta creança. É necessario que os advirtas disto. Esta creança me pertence até que eu resolva entrega-la ao seu proprio pai. Não a entregarei á policia. (exaltada) Não a entregarei. (violenta) Não a entregarei!

Celso - O que é isso, mamãe? A senhora precisa compreender que si for necessario teremos que entrega-la.

Madame - (violenta) Não a entregarei, já disse.

Celso - Francamente, mamãe, eu estou extranhando a sua atitude.

Madame - Vai lá, dá-lhe a desculpa da noite ou dize-lhe que estou doente e que não posso ser incomodada. Amanhã se o dia estiver de sol irei lá com o menino.

Celso - Lamento muitíssimo dosebedecer-lhe pela primeira vez na minha vida, mas não quero que paire qualquer duvida sobre nós. Irei neste instante buscar o delegado para traze-lo aqui. (passos rapidos que se afastam)

Madame - (num grito de angustia) Não meu filho. Não! Hoje não! Amanhã. Filho, vem cá, escuta! Pelo amor de Deus hoje não. Celso! Celso! (pausa) Não me atendeu. E agora, o que devo fazer? A policia vai me tirar a creança! Não, não pode ser. Não devo permitir que isto aconteça. Não posso permanecer inativa á espera de que eles cheguem. Eu devo reagir. Preciso reagir. Mas o que devo fazer, meu Deus? Inspira-me por favor. Ilumina-me por piedade! Essa creança não deve ser entregue á policia. (pausa) Sim. É isto mesmo. É o que tenho a fazer. Fugirei. Fugiremos os dois antes que eles venham. Sei que Celso irá sofrer mas não ha outro remedio. Não ha mais tempo a perder. Levarei todo o dinheiro que tenho e irei refugiar-me em qualquer parte. Aqui estão duzentos e poucos mil reis. É pouco mas hei de me arranjar com eles. Vem filhinho. Vem com a vóvó. (Choro de creança) Não chora filhinho. A vóvó vai passear com ele. Não chora. Hummmmm, hummm, huuuuuum. Toma o biquinho. Não chora mais filhinho. Hummm, hum, gmm, Hummm, (cessa o choro da creança) Assim, bonitinho. Dixa tapar a cabecinha do nene que está muito frio na rua. Assim. Vem com a vóvó. Vem filhinho antes que eles cheguem. Eles querem te prender mas a vóvó não deixará. Onde vamos? Não sei. Vamos por aí. Deus sabe que é justo o que pretende e ha de me apontar o caminho a seguir.

(GONGO)

(Caracteristica forte a principio e servindo depois de fundo as palavras do)

SPEAKER : - E momentos depois, quando Madame Vilar já havia abandonado a sua casa, Lucy, numa agitação que se revela a cada um dos seus gestos, vem procura-la anciosamente.

Lucy - (ven chamando de longe, anciosa e preocupada) Madame Vilar! Madame Vilar! Onde está a senhora? Madame Vilar? Será possivel que não haja ninguem em casa? Mas como deixaram a casa aberta? (gritando mais alto) Madame Vilar! Madame Vilar!... (passos sempre a mesma distancia do microfone) Não pode ser. Onde está a creança? Saíram todos? Possivelmente Celso teria vindo busca-los mas como deixaram a casa aberta? Não sei porque tenho o presentimento de que alguma coisa aconteceu. Onde terão ido eles?

Celso - (de longe, aproximando-se aos poucos) Mamãe! Oh mamãe! Entre senhor delegado. Mamãe! Oh Lucy voce está aqui? Onde está mamãe?

Lucy - (numa angustia)(arrancando as palavras) Celso...

Celso - O que é que você tem, Lucy? Voce está paláda, tremula. As suas mãos estão geladas. O que aconteceu? Fale por favor.

Lucy - Não sei...Celso. Encontrei a casa aberta...e vasia...

Celso - Vasia? Não, não pode ser. (gritando aflito) Mamãe! Mamãe! Onde estás?

Lucy - É inutil gritar, Celso. Já a procurei em toda a casa. Ela não está.

Delegado - É a creança?

Lucy - Tambem não está. O berço está vasio.

Celso - Fugiu! Fugio com a creança! Mas porque? Porque fez isto? (chora) Nunca poderei perdoa-la. Nunca!...

Lucy - (desesperada) Fui eu, a culpada!... (chorando) Fui eu a culpada, Gel-
so! Fui eu a culpada... (chora convulsivamente)

(GONGO)

(Característica musical forte a principio e servindo depois de fundo as
palavras do speaker.)

SPEAKER : - Porque motivo Madame Vilar teria recusado enfrentar a policia do
distrito? Qual a razão que a teria levado a fugir com o pequeno?
Qual o interesse que teria em não permitir que fosse identificadã
a creança que recolhera á sua casa? Ouçamos a continuação deste
romance na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje.

(Novamente a característica forte para fim do programa.)

(Característica forte ao principio e servindo depois de fundo ás palavras do)

SPEAKER : - Antes de iniciarmos o terceiro episódio do "Segredo De Madame Vilar" façamos uma pequena recapitulação dos fatos desenrolados nos episódios anteriores. Os nossos ouvintes devem estar lembrados que no primeiro capitulo Madame Vilar recolhera á sua casa uma creança de dois mezes e pouco que ela dizia ser filha de um ex-colega de seu filho Celso. Naquele mesmo dia, por coincidência ou quem sabe lá porque, desaparecia misteriosamente o filho do Dr. Rafael Mistral, clinico de grande nomeada. Este e sua jovem esposa Carmen Dora, ao regressarem ele de seu consultorio e ela de uma festa elegante em casa de uma amiga, encontraram a ama da creança narcotizada e esta desaparecida. Ficára uma carta exigindo a metade da fortuna do Dr. Mistral para que seu filho lhe fosse entregue. Lucy - a futura nora de Madame Vilar - lendo no jornal o rapto do filhinho do grande clinico, verificou que os traços da creança desaparecida eram os mesmos da que o seu noivo e sua futura sogra haviam recolhido á sua casa. Comentando com sua mãe a extranha coincidência, esse comentario foi ouvido por seu irmão que desejoso de obter o premio de 20:000\$000 para quem desse noticias exatas do menino, foi logo procurar um companheiro de trabalho do filho de Madame Vilar e ambos, associados, participaram á policia da existencia de uma creança com os mesmos traços publicados no jornal ao dia seguinte do rapto, na casa de Celso e de sua mãe. O delegado do distrito, levando em conta os ótimos precedentes de Madame Vilar e de seu filho - moradores ha mais de vinte anos no suburbio e estimadissimos de todos que os conheciam - não quiz fazer uma diligencia de carater official sem antes haver conversado com Celso a quem pediu esclarecimentos sobre a exata identidade da creança que fôra recolhida á sua casa. Este, para evitar que sua mãe passasse pelo disabor de ver a policia em sua casa efetuando uma diligencia, prometeu ao delegado que a levaria, juntamente com a creança, até o distrito afim de que ficasse definitivamente afastada qualquer suspeita que sobre eles pudesse pesar. Chegado, entretanto, á sua casa e comunicando o fato á sua mãe, esta negou-se por todos os modos a acompanhá-lo á delegacia o que obrigou Celso a voltar sózinho afim de trazer consigo á sua casa o delegado de distrito. Qual não foi, porem, a surpresa dos dois quando momentos depois viram encontrar a casa abandonada e constatar o desaparecimento de Madame Vilar e da creança. Lucy, que já conversára com seu irmão e soubera da sua denuncia, chorava desesperadamente por considerar-se culpada daquele desfecho que embora ela não chegasse a compreender, havia de ter forçosamente as suas razões, tal a confiança que depositava na integridade de carater e bondade do coração de Madame Villar. Vejamos o que se passou depois disto.

(Característica forte, novamente, cessando depois para inicio do diálogo).



- Celso - Eu estou desolado, sr. delegado. Não posso compreender nem atinar com as razões que levaram minha mãe a proceder desta forma. Peço-lhe que me ajude a procura-la.
- Delegado - É este exatamente o meu dever, meu amigo. Precisamos encontra-la o quanto antes. É possível que se tenha refugiado na casa de alguma pessoa amiga. Pense em alguma que lhe pudesse dar abrigo.
- Celso - Não sei, não sei. Eu estou completamente desorientado! (chora)
- Lucy - Celso! Não fica assim. Bem deves compreender que o teu desespero de nada adiantará. É preciso que tenhamos muita coragem e muita calma. Tudo há de ficar esclarecido, espero em Deus.
- Celso - Como posso ter calma, Lucy? Não ves que presinto minha mãe envolvida nesta grande tragédia? Minha mãe que eu considerava a melhor e a mais santa das criaturas!...
- Lucy - Madame Vilar deve ter suas razões, Celso. Ela que durante tantos anos foi o que todos sabemos, a não ser que esteja sofrendo de um desequilíbrio mental, não poderia proceder desta forma pelo simples prazer de fazer sofrer os pais da criança raptada. Não, isto não pode ser. Ela nada tem que ver com isto.
- Celso - Mas porque fugiu então? Porque levou consigo o pequeno?
- Delegado - A meu ver Madame Vilar está sendo vítima do seu coração. Sabedores da sua bondade os criminosos utilizaram-se dela para instrumento do seu crime. Tem você a certeza absoluta de que essa criança é filha do seu ex-colega de ginásio?
- Celso - Certeza absoluta não posso ter.
- Delegado - Como veio então essa criança parar em sua casa?
- Lucy - Foi o preto Benedito quem a trouxe.
- Celso - Ele apareceu-me na oficina contando-me as necessidades todas que o meu colega estava passando. Eu sabia que ele havia casado e que a mulher estava doente. Não cogitei de mais nada. Mandei oferecer a minha casa e os cuidados da minha mãe para o seu filho até que a situação melhorasse. À tarde o preto Benedito apareceu-me com a criança.
- Delegado - Bem, não será difícil descobrir-mos a verdade. Sabe você onde mora o seu ex-colega?
- Celso - Sei a casa que alugou para casar. É muito longe daqui. No outro extremo da cidade, mas não sei se ainda estará morando lá. Nunca mais o vi.
- Delegado - Se não for lá devemos de encontrar quem nos dê qualquer informação útil. Ponhamos mãos a obra.
- Celso - Mas, sr. delegado, e minha mãe? Não posso deixar de procura-la imediatamente. É noite fechada, chove e não posso deixa-la ao desamparo.
- Delegado - Tem razão. E depois quanto mais tempo lhe dermos mais distância ela ganhará de nós. Vamos procura-la.
- Celso - E você Lucy, quer vir conosco?
- Lucy - Não, Celso, eu ficarei tomando conta da casa.
- Celso - Está bem. Reze então para que possamos encontra-la. Podemos ir, sr. delegado. (passos que se afastam)
- Lucy - (repetindo as palavras de Celso) Reze então para que possamos encontra-la. Deverei rezar para isto? Madame Vilar não teria feito isto sem razão. O que devo fazer, meu Deus? Rezar para que eles a encontrem? Rezar para que ela consiga fugir deles? Oh meu Deus, meu Deus! que situação é minha!...

SPEAKER : - Enquanto os personagens que acabamos de ouvir iniciam a busca desesperada de Madame Vilar, façamos uma visita á casa do doutor Rafael Miral.

- Carmen - (aflita) E então, Rafael, que noticias me trazes?
- Rafael - Acabo de vir da delegacia do suburbio. A mulher fugiu com a creança que supoem ser o nosso filho.
- Carmen - Oh meu Deus! Para onde terá ido? Para onde terá levado o nosso filhinho?
- Rafael - Adalma-te, minha querida. Não fiques assim. Ela não pode estar muito longe. O delegado já saiu no seu encalce. E depois, não podemos afirmar que a criança seja o nosso Sergio.
- Carmen - Como podes ter duvidas, Rafael? Se os traços são os mesmos como noa afirmam... Os mesmos olhos, os mesmos cabelos e principalmente a manchinha escura sobre a palpebra. É ele sim Rafael. Só póde ser ele. Parece mentira que tu ainda duvides.
- Rafael - É que não vejo porque razão essa creatura teria roubado o nosso filho, quando afirmam todos que a conhecem que ela é a melhor das mulheres.
- Carmen - O motivo está bem claro. Pois não deixou ela um bilhete exigindo a metade da tua fortuna?
- Rafael - Mas o que mais me admira é que todos os seus amigos são unanimes em afirmar que ella possui um carater integro e sem macula.
- Carmen - Todos são muito bons, muito direitos, até o momento em que o deixam de ser. Não tenhamos illusões, Rafael. Que coisa horrivel! meu Deus!... Rafael, eu quero o meu filho Rafael!... Porque você não lhes pagou o que exigiram? Já nós o teriamos hoje conosco, talvez. Agora, sabe lá se chegaremos a recuperá-lo.
- Rafael - Você bem sabe que eu estava disposto a pagar. Infelizmente a policia lembrou-se de prometer aquella gratificação e logo appareceu quem pretendesse merece-la. Você não deve esquecer que até o bilhete que ocultei da policia para evitar que elles perseguissem o homem que deveria procurar-me no consultorio, que matassem o meu filho. (passos que se aproximam)
- Antonio - Dr. tem aí uma senhora que deseja vê-lo imediatamente. Diz que é assunto de grande urgencia.
- Carmen - Talvez seja ella!
- Rafael - Quem sabe? Ella está só? Não traz consigo uma creança?
- Antonio - Não senhor.
- Carmen - E que typo tem ella?
- Antonio - É uma senhora de meia idade... Altura mediana... mais gorda do que magra.
- Rafael - É o typo que me descreveram da outra do suburbio.
- Carmen - Faça-a entrar o quanto antes, Rafael, eu morro de impaciencia.
- Rafael - Mande-a entrar em seguida.
- Antonio - Para cá?
- Carmen - Sim para cá, Antonio, ande de uma vez. O que é que está esperando?
- Antonio - Com licença. (passos)
- Carmen - Meu Deus! Si fosse ella e se me trouxesse de volta o meu filho eu seria capaz de me atirar aos seus pés e beijá-los em agradecimento. Esqueceria as horas de angustia que me tem feito viver. Tambem, se recusasse entregá-lo, estas mãos, fregéis que até hoje não se movimentaram senão para acariciar, teriam toda a força do meu odio para apertá-lhe o pescoço até a extrangular.

- Rafael - Tenha calma, minha querida. Já começo a sentir arrependimento de a ter mandado entrar para cá. (passos precipitados que se aproximam)
- Biquinha - Com licença, doutor, com licença, Boa tarde, minha senhora, muito boa tarde.
- Rafael - Ora bolas!
- Biquinha - Peço mil desculpas de vir encomodar-os, mas tenho acompanhado tão de perto a enorme desgraça que veio pezar sobre este teto que não posso afastar o meu pensamento dessa tragedia sem precedentes. que coisa abominavel, que coisa abominavel, que coisa alucinante! Tenho acompanhado passo a passo as providencias todas da policia. Pelo que li e ouvi tenho a impressão de que foi encontrado agora o fio da meada. Deus assim o permita, não é verdade? Pois é. Deve ser uma coisa que não se pode descrever a angustia de uma mãe que perdo o filho! E depois, nas circunstancias em que o foi, não é verdade? Pois é. E a senhora está melhorsinha, está mais conformada?
- Carmen - Como posso estar conformada se o meu filho não aparece. Se tem sido inuteis todas as tentativas feitas até...
- Biquinha - (interrompendo) mas já tem mais esperanças, não é? Pois é. Já tem mais esperanças. E tem que ser, não pode deixar de ser. Pois é. A gente não deve perder a esperança. Ela deve ser sempre a ultima a nos abandonar, não pe verdade doutor? Pois é. Si Deus Nosso Senhor quizer ele ha de aparecer. As vezes tudo nos parece completamente perdido e de repente, quando menos se espera surge um raio de sol no horizonte em penumbra. (outro tom) Bonito! Não é? Pois é. Eu bem sei que são momentos muito dificeis de suportar, espinhos durissimos e agudissimos a penetrar em nossos corações, mas que fazer? Todos temos uma missão a cumprir aqui na terra, não é mesmo doutor? Pois é.
- Rafael - Mas afinal, dona Biquinha, a que devemos a honra.....
- Biquinha - O caso do seu filhinho tem empolgado a opinião publica em geral. E se os que lhe são indiferentes se interessam, naturalmente que nós, os seus amigos nos devemos interessar muito mais ainda, não é verdade? Pois é. E foi assim que tendo ouvido uns boatos que surgiram hoje ao cair da tarde, procurei os jornaes para por-me ao corrente deles. Os jornais, o sr. sabe, nunca dizem o que a gente deseja saber, não é verdade, dr? Pois é. E foi assim que eu então deliberei vestir-me e dar uma fugida até cá para saber o que ha de verdade nos boatos que correm pela cidade. Naturalmente que não foi a curiosidade que me trouxe aqui e sim o interesse que tenho pelo caso. Somos amigos ha tantos anos, não é verdade? Pois é.
- Carmen - Rafael, por favor, eu não posso mais.
- Biquinha - Vim mesmo oferecer os meus fracos prestimos para auxilia-los no que fosse necessario. Eu lamento não possuir qualidades de Scherlock porque eu as poria agora inteiras a seu serviço afim de ajudar a desobrir os celerados raptos do seu filhinho estremecido. Isso é uma barbaridade revoltante. Uma cobardia sem nome, não é verdade? pois é.
- Rafael - Escute dona Biquinha....
- Biquinha - Não, doutor, não me agradeça. Não ha motivo para agradecimentos. O dever de amizade nos impõe atitudes como a que acabo de tomar. Como poderia permanecer insensivel deante de tão revoltante atentado a uma pessoa que merece tanta consideração e a quem dedico uma tão sincera amizade? Pois é. Finalmente eu estou aqui ha tanto tempo, o sr. tem falado tanto e ainda não me disse o que ha de verdade nos boatos que correm e que eu tanto me interesse por saber.
- Antonio - (entrando) Dr. da chefatura de Policia desejam falar com o senhor no telefone do Gabinete.
- Rafael - Da chefatura de policia? Com licença. (passos precipitados que se afastam)
- Biquinha - Da chefatura de policia? Ah já sei, com toda a certeza querem cumunicar ao doutor...

Garmen - Desculpe, minha senhora, mas eu não posso atende-la. Preciso saber do que se trata. Com licença. (passos precipitados que se afastam)

Biquinha - Da chefatura de Policia? E não pode haver duvidas! Da chefatura de policia só pode ser com referencia ao rapto do menino. E isto mesmo. Não pode ser outra coisa. Com toda a certeza é a confirmação dos boatos que ouvi esta tarde. Bem dizia a minha avó que andava fumaca ha incendio. Deixa-me ver o que é. (passos precipitados)

(GONGO)

SPEAKER :

SPEAKER ; - Enquanto Celso e o delegado prosseguiam pela noite a dentro na captura de Madame Vilar, os inspetores auxiliares conseguiram localizar a moradia do antigo colega de Celso que agora se encontra na delegacia, fazendo declarações. Ouçamo-lo.

Inspetor - Desde quando conhece o senhor Celso Vilar?

Homem - Desde o tempo de colegio. Eramos então muito amigos. Depois a vida nos separou. Tornei a ve-lo a um ano e pouco quando me casei. Como resido muito longe daqui e tanto ele como eu estamos sempre muito ocupados, não nos tornamos mais a ver.

Inspetor - O sr. tem um filhinho, não é verdade?

Homem - Tenho sim senhor.

Inspetor - Menimo ou menina?

Homem - Menino.

Inspetor - Que idade tem?

Homem - Dois mezes e pouco. Mas afinal, eu até agora não compreendi a razão porque me fizeram vir até cá nem o motivo de todas essas perguntas a respeito da minha vida.

Inspetor - Já vai compreender. Tenha calma. Desejo fazer-lhe ainda mais algumas perguntas.

Homem - Muito bem, faça.

Inspetor - O sr. Celso Vilar e sua mãe sabiam da existencia desse seu filho?

Homem - Sabiam. Apesar de que não nos viamos desde o meu casamento, como já disse, o preto Benedito, a quem ambos conheciamos desde o tempo de colegio, era um ponto de contacto entre nós. Era ele quem uma vez por semana ia lá ao bairro onde móro para lavar a minha casa e como o seu ponto de parada era aqui neste suburbio era ele tambem quem levava compras, serrava lenha e fazia recados para madame Vilar. Assim que ambos tinhamos noticias um do outro pelo menos uma vez por semana.

Inspetor - É verdade que sua mulher - segundo nos declarou o sr. Celso - não mantinha relações com as pessoas de sua familia?

Homem - É verdade, sim senhor. Desde que nos casamos a familia dela resolveu não mais tomar conhecimento da nossa existencia. Tinham para ela um pretendente de posição e o senhor sabe a influencia que o dinheiro tem.

Inspetor - Muito bem. É verdade tambem que sua mulher está doente?

Homem - Infelizmente é verdade. Ha mais de uma semana que está na cama com uma gripe pulmonar muito forte. Fui obrigado até a separal-a de seu filho, embora isso muito a affligisse, mas o medico declarou que ella não poderia continuar a cuida-lo.

Inspetor - Merfeitamente. E a quem confiou o senhor a vigilancia de seu filho?

- Homem - Mas afinal eu continuo respondendo a todas as perguntas que o sr. me faz e até agora não consegui atinar com a razão delas.
- Inspetor- Tenha calma, homem. Eu explicarei depois. Responda mais uma pergunta. A quem confiou o sr. a vigilância de seu filhinho.
- Homem - A uma senhora amiga que bondosamente se ofereceu para cuida-lo.
- Inspetor- E sabe o nome dessa senhora?
- Homem - Naturalmente que sim, ora essa! Se digo uma senhora amiga creio que nem era necessario uma pergunta dessas.
- Inspetor- Muito bem. Chama-se ela Madame Vilar?
- Homem - (admirado) Madame Vilar?!....
- Inspetor- Sim. Não é este o seu nome?
- Homem - Madame Vilar é a mãe do Celso.
- Inspetor- Sei disso. Pergunto se não foi ela que se ofereceu para tomar conta do seu pequeno enquanto a sua senhora estivesse doente?
- Homem - Sim, ela se ofereceu. Mandou-me o recado pelo preto Benedito. Mas eu já o havia confiado a uma outra creatura igualmente bondosa como ela.
- Inspetor- Perfeitamente. Era o que nós desejavamos saber.

(GONGO)

SPEAKER: - Pelas declarações que acabamos de ouvir, é facil deduzir-se que madame Vilar mentiu e que a creança em seu poder não era outra senão a que fora raptada ao dr. Rafael Mistral e sua esposa Carmen Dora. É difficil acreditar que ela o tivesse mandado raptar mas de qualquer forma ela está envolvida na trama desse crime porque se não a raptou ou mandou raptar pelo menos abrigou em sua casa o produto de um crime. Ha ainda a hipótese de que ela o tivesse feito inocentemente, mas então porque razão teria fugido com a creança quando foi convidada a comparecer á policia do distrito? Aguardemos o desenrolar dos acontecimentos para verificar-mos se eles confirmam as nossas suspeitas. Voltemos agora por um instante á casa do Dr. Rafael Mistral para tomarmos conhecimento do telefonema que ele recebeu no momento em queo abandonamos.

- Biquinha - Ah doutor que coisa pavorosa! Conte, conte tudo, doutor, tudo. Conte tudo com pormenores. Os pormenores é que tornam os casos mais interessantes, não é mesmo? pois é.
- Rafael - Minha senhora, eu peço-lhe muitas desculpas.....
- Biquinha - Mas desculpas porque, doutor? Não ha razão para isso, pois si eu até estou tão interessada no caso, ora essa! Nós somos tão amigos, não é verdade? Pois é. Eu só tenho pena de não possuir qualidades de Scherlock, porque então juro-lhe que estava na rua ajudando a captura do seu filhinho.
- Rafael - Minha senhora, o tempo está correndo, o assunto é muito serio...
- Biquinha - Juro-lhe que não mediria sacrificios para encontra-lo. Meteria o nariz em tudo que me parecesse suspeito porque então se compreenderia e se justificaria a minha curiosidade. Sim do contrario não. Ih eu tenho verdadeiro horror das pessoas curiosas, aquelas que tudo querem saber, tudo querem dar fé. É muito feio, não é verdade? Pois é. Mas como ia lhe dizendo, doutor...
- Rafael - Minha senhora eu não tenho tempo para ouvi-la, estou atrapalhadissimo.
- Biquinha - Ora que pena, doutor, se o sr. me quizesse deixar falar um minutinho apenas...eu tinha tanta coisa para lhe perguntar.

Rafael - (furioso) A senhora não tem feito outra coisa senão falar desde que chegou aqui. Olhe para a cara de minha esposa veja como ela está tonta de lhe ouvir falar. Eu também, eu estou tonto. A senhora fala, fala, fala, não deixa ninguém falar, e não diz nada que se aproveite. Eu tenho mais que fazer, minha senhora. Eu não posso atural-a. Eu estou cansado, estou nervoso e preciso tomar providencias para achar o meu filho. A senhora faça o favor de se retirar que eu preciso falar com minha senhora de assuntos particulares que só a nós dois interessa. (campaíha)

Biquinha- Assuntos particulares? O doutor falou em assuntos particulares? Ih meu Deus este homem não faz outra coisa senão aguçar a minha curiosidade. Mas doutor o senhor pode falar em minha presença. Eu sou uma pessoa de inteira e absoluta confiança!

Antonio- O doutor chamou?

Rafael - Chamei. Tenha a bondade de acompanhar a dona Biquinha e mostrar-lhe a saída.

Biquinha- Mas eu não vou já, doutor. Eu tenho ainda muita coisa interessante para contar ao senhor. Coisas que talvez sejam de real valor para o caso em que estamos envolvidos.

Rafael - A senhora vai já. Vai neste instante porque nem eu nem minha senhora estamos mais dispostos a atural-a. Eu vou lhe pedir um grande favor'. A senhora não me apareça mais aqui. Pelo menos até que o caso esteja resolvido não bôte mais os pés em minha casa. Depois pode vir, quando tenhamos achado o nosso filho com vida eu lhe contarei tim-tim por tim-tim todas as diligencias, as ciligencias policiais, as pessoas envolvidas, etc, etc.

Biquinha- (radiante) O senhor conta mesmo?

Rafael - Conto, prometo que conto. Será a minha penitencia! Agora acompanhê-a, Antonio!

Antonio - Pois não, doutor. Venha minha senhora.

Biquinha- (saindo radiante) Ih que bom!...Ele prometeu que vai me contar, tudo, tudo, tudo, quando ele me contar eu vou contar para você, ouviu?

Antonio - (bonge) Está muito bem, minha senhora, está muito bem.

Carmen - Que coisa horrivel, Rafael. É preciso dar ordem ao Antonio para não deixar mais essa mulher entrar aqui. Eu estou tonta, abatida, cansada!

Rafael - Eu tomarei providencias para que isto não se repita.

Carmen - E afinal o que te disseram da chefatura de policia? Não quiz te perguntar na frente dela porque tinha a certeza de que ela sairia por aí espalhando aos quatro ventos, o que te ouvisse dizer.

Rafael - Avisaram-me de que a creança que se encontra em poder da tal mulher é realmente o nosso filho.

Carmen - É verdade, Rafael? E como puderam ter certeza disto?

Rafael - Por um meio muito simples. Foram á casa do operario que fôra colega de seu filho e de quem ela alegava ser a creança. O operario realmente possui uma creança da mesma idade da nossa. É verdade tambem que a mulher dele está doente e que foram obrigados a entregar o filho para que outra pessoa o cuidasse. Essa outra pessoa, entretanto nã é essa mulher. Como vês, não pode restar duvidas/alguma. É nossa a creança que ela tem consigo.

Carmen - E conseguiram prendê-la?

Rafael - Até agora não. Ela fugiu com a creança e saíram no seu encalço o delegado do distrito e o proprio filho da mulher que dizem ser pessoa muito conceituada no suburbio onde mora e estar empenhadissimo em encontrar sua mãe e aclarar a razão da sua participação num crime dessa natureza.

Carmen - Rafael...eu estou tremendo, Rafael...Ela não irá matar o nosso Sergio?

Rafael - Não creio, Carmen Dora. Fui informado de que é uma pessoa boníssima.

Carmen - Está se vendo. Roubando de uma pobre mãe o filho que lhe pertence.

Rafael - Pode ser muito bem que ela tenha sido envolvida no assunto sem ter culpa direta. Quem sabe teria ficado como depositária da criança, depois se tenha afeiçoado a ela e não queira agora entregá-la. E pôde ser também que esteja com medo de que os verdadeiros autores do crime possam vingar-se dela se restituir o menino.

Carmen - Que coisa horrível, meu Deus! Essa agonia não termina nunca.

Rafael - Tenho fé em Deus que dentro de mais algumas horas o nosso filho será encontrado. Segundo me informou o inspetor da policia ela apenas acabará de fugir quando seu filho chegou com o delegado e saíram logo no seu encalce. Não pôde ter se afastado muito.

Carmen - Minha Nossa Senhora da Gloria ! Pelo filhinho que tens em teus braços, permite que o meu seja restituído!

Armando (GONGO)

SPEAKER: - E voltemos agora, novamente, á delegacia do distrito, onde já se encontra o preto Benedito que, depois de uma energica batida em todo o subúrbio, acaba de ser encontrado por dois agentes de policia.

Inspetor- Porque razão estava você escondido no mato?

Benedito- Preto Binidito num tava inscondido no mato. Preto Binidito num tem casa. Brome sempre lá.

Inspetor- Ha muito tempo que conhece Madame Vilar?

Benedito- Munto tempo, sim sinhô. Deis que minino Cerse era anssisinho piquinitinho. Preto Binidito ia sempre levá casa, fazê compla, levá lecado, sim Sinhô.

Inspetor- Foi madame Vilar que o encarregou de raptar o filho do dr. Rafael Mistral?

Benedito- Preto Binidito num tá intendendo o que o sinhô tá falando.

Inspetor- Foi madame Vilar quem o encarregou de roubar a creança do dr. Rafael Mistral?

Benedito- Lobá cliança? Preto Binidito num lobô cliança de ninguem.

Inspetor- Não foi você que levou uma criança á casa de madame Vilar?

Benedito- Foi, sim sinhô. Preto Binidito levô uma cliança pla madama mas preto Binidito não lobô cliança.

Inspetor- E de onde a tirou então?

Benedito - Preto Binidito foi gbuscá cliança na casa do companhele de fio da Madama, sim sinhô. Mãe da cliança tava duente, num podia cuidá dela, preto Binidito levô ála pla madama cuidá.

Inspetor- É mentira. Você um homem velho não tem vergonha de mentir?

Benedito- Preto Binidito num tá dizendo mintila.

Inspetor- Está dizendo mentiras sim senhor. A creança do companheiro do filho de Madame Vilar está sendo cuidada por outra pessoa. Ele mesmo já esteve aqui e fez estas declarações. Logo, a creança que você levou para que Madame Vilar tomasse conta é outra e precisamos saber de onde você a tirou. (pausa) Vamos responde. (pausa) De onde tirou você aquela creança?

Benedito- Preto Binidito num pode falá.

Inspetor- Pois se não falar fique sabendo que será preso.

Benedito- Preto Binidito não se impolta sê preso.

Inspetor- Nós o faremos falar. Onde é que está madame Vilar? Sabe?

Benedito- Preto Binidito aciidita que ela teze na casa dela.

Inspetor- Não está em casa dela e você sabe muito bem disto. Você sabe que ela fugiu com a criança e nós precisamos encontrá-la.

Benedito- Se fugiu plêto Binidito num sabe adonde ela tá.

Inspetor- É inutil procurar esconder o que sabe. Madame Vilar está sendo procurada e não tardará muito em que a acharão. O que você não quizer revelar será revelado por ela. Vamos, conte-nos o que sabe.

Benedito- Plêto Binidito num sabe nada.

Inspetor- Fala que será muito melhor para você.

Benedito- Plêto Binidito num pode falá.

Inspetor- Pois muito bem, não quer falar por bem hei de fazê-lo falar por mal. Temos chicote, temos palmatoria, temos muitos instrumentos que o hão de obrigar a dizer a verdade. Não pense voce que ha de brincar connosco. É inutil querer ocultar uma verdade que ressaíta aos olhos de todos. Madame Vilar raptou ou mandou raptar o filho do dr. Rafael e o senhor foi seu cúmplice no crime. ~~Ma~~ambos terão que responder pelo mal que cometeram. Confessa que teve participação nesse crime?

Benedito- Plêto Binidito não disse nada.

Inspetor - Não disse nada mas vai dizer. Vai dizer porque nós o obrigaremos a isto. Dou-lhe um praso de dois minutos para se resolver a falar. Se o não fizer vai lhe custar bem caro a sua teimosia. (falando para longe) Trinta e dois, mande trazer a palmatoria para aqui. (campainha do telefone) 416 É da delegacia do distrito. É o inspetor Normelio. Como? Acharam a mulher? Sim? Vem agora para cá. Perfeitamente. Vou mandar avisar ao dr. Rafael. O preto também foi encontrado. Está preso aqui. Perfeitamente. Até já. (desliga) Viu? Ouviu o que eu disse? Madame Vilar acaba de ser encontrada. É inutil continuar negando. O que você não quizer contar contará ela.

Benedito - Plêto Binidito zá levô munto cicóte do sinhô e nunca falô o que não devia falá. Plêto Binidito num pôde contá segredo que num é dele. Plêto Binidito num viu nada, plêto Binidito num sabe nada. Pôde dá cicóte, pôde dá bolo, plêto num fala nada.

Inspetor - Muito bem, não precisa falar. Dentro de mais alguns instantes viremos a saber de tudo. O delegado já vem aí com Madame Vilar. (passos que se aproximam)

Uma voz - Olha a palmatoria, seu Inspetor.

Inspetor - Pode deixar aí em cima. É possível que ela tenha que entrar em ação. (passos que se afastam) (chamando) Ô vinte! Telefone lá de dentro ao dr. Rafael Mistral e avise-lhe que a mulher foi encontrada e a criança também, que a criança está viva. Não demorará muito estarão ambos aqui. Seria bom que ele viesse até cá. (passos que se afastam)

Benedito - Dotô dá licença plêto Binidito se assentá?

Inspetor - Não senhor. Fique aí de pé. Quando se resolver a falar permitirei que se sente. (começa-se a ouvir a voz de madame Vilar gritando desde muito longe, desesperada como se procurasse libertar-se de alguém que a segurasse fortemente. Ouve-se também á distancia o choro da criança. Os gritos de madame Vilar vão aos poucos se aproximando do microfone, porém os da criança embora se aproximem um pouco mais permanecem sempre a maior distancia)

Madame Vilar - Largue-me! Deixem-me! Deem-me essa criança, ladrões! Ela é minha! Ela é minha! Soltem os meus braços! Soltem-me!

Celso - Mãe, o que é isso, mãe!... Não faça assim, não grite! A senhora está se maltratando e obrigando-nos a maltratá-la!

Madame - Soltem-me bandidos! Soltem-me! Acudam! Acudam! Acudam por piedade! Eles querem me matar! Socorro!... Socorro!... (ouve-se o choro da criança perto) Estão maltratando o pobresinho! Deem-me essa criança, não ouvem.

-- (gritando) Deem-me essa criança! Ela é minha! Ela me pertence, ela é minha, bandidos! Malvados! (com voz mais fraca, chorando) Malvados, malvados! Deus, meu Deus! Porque me abandonaste?!. . . (chora convulsivamente).

(GONGO)

SPEAKER : - Ouçam a continuação deste romance na próxima sexta-feira, ás mesmas horas de hoje.

(Característica forte ao principio e depois para terminar)

(-Característica forte ao principio servindo depois de fundo para o diálogo.)

- Irmã - Sente-se um pouco para descansar. Depois de tanto tempo de cama as suas pernas devem estar enfraquecidas.
- Madame - Estou bem, não se preocupe comigo, irmã.
- Irmã - A Diretora já foi avisada que o auto estará aqui dentro em pouco. Seu filho ~~virá~~ também com ele para busca-la.
- Madame - Para onde pretendem levar-me?
- Irmã - Para o julgamento, Madame Vilar.
- Madame - Julgamento? Que julgamento?
- Irmã - Ainda não conseguiu recordar-se de tudo que se passou?
- Madame - Não sei... a minha cabeça... é tanta coisa a rodar... Essa criança sempre chorando incomoda-me tanto! O que é que ela tem? Está doente?
- Irmã - Não ha criança nenhuma aqui, Madame Vilar. A senhora está enfraquecida. Está com a cabeça tonta. (baixo) Deviam ter deixado isto para mais tarde! Pobre senhora! (alto) Sente-se, é melhor. A senhora assim de pé pôde ter alguma tontura. Eles não devem demorar, em todo o caso seria bom sentar-se.
- Madame - Obrigada, estou bem de pé.
- Irmã - Quer tomar alguma coisa antes de ir? Quem sabe um pouquinho de leite?
- Madame - Não, obrigada, não quero nada. Preferia antes que dessem o leite á criança. Acho que ela chora porque tem fome. E esse choro me faz tanto mal á cabeça!
- Irmã - Não ha criança nenhuma chorando. Isso é uma alucinação sua. Procure desviar o seu pensamento para outra coisa. Olhe, daqui a pouco mais o seu filho estará aqui para busca-la. Não fica satisfeita de tornar a ver o seu filho?
- Madame - Meu filho? Eu não tenho filho, irmã.
- Irmã - Como Não? Tem sim senhora. Então não se lembra mais do seu filho? Aquele moço que vinha todos os dias visita-la, que lhe trazia frutas, doces. Não se lembra mais?
- Madame - Aquele moço é meu filho?
- Irmã - É seu filho, sim. Será possível que tenha esquecido? Olhe: eu falando nele e ele que vem chegando.
- Celso - Está pronta, minha mãe?
- Madame - Se estou pronta? Acho que sim. A irmã disse que sim. Disse que iam me levar não sei para onde... Porque vão me levar?
- Celso - Mãe: a senhora tem que nos ajudar. Tem que fazer força por se recordar de tudo e explicar as razões que a levaram a proceder desta forma. Tenho sofrido muitissimo com tudo isto mas o meu coração de filho afeiçoado ~~me~~ que a senhora teve imperiosos motivos que a levaram a proceder desta forma. Quais sejam esses motivos eu os ignoro mas que eles existiram eu não tenho a menor duvida. A senhora precisa alega-los em sua defesa. Vamos, faça empenho em ajudar-nos.
- Irmã - Não acha melhor que ela vista a capa? Deve estar frio na rua.
- Celso

- Celso - Sim irmã, faça-a vestir. Está frio lá fora. Vamos apurar um pouquinho para não chegar-mos atrajados. O delegado está nos esperando no ~~au-~~tomovel.
- Irmã - Pronto, está vestida a capa. Assim fica mais abrigadinha.
- Celso - Venha mamãe, é tarde. Depeça-se da irmã.
- Madame - Passe bem, irmã. Até outro dia.
- Irmã - Passe bem, Madame. Deus Nosso senhor a ampare e ilumine.
- Celso - Agradeço-lhe irmã, a senhora e ás outras, todo o carinho que dispensaram a esta pobre doente. Deus vos ha de recompensar.
- Irmã - Nada tem que agradecer, meu senhor. A nossa missão nesta casa é servir e confortar os que aqui aportam.
- Celso - Reze por minha mãe, irmã Cecilia. Ela precisa tanto de amparo!
- Irmã - O sr. não deixará de ampara-la, meu filho. Espere com fé. Que a benção de Deus baixe sobre todos!...

(GONGO)

Amunon
Mme Vitar e seu filho

SPEAKER :- E momentos depois, no automovel que es conduzia para o tribunal].
(Ruido de automovel em movimento, sservindo de fundo a todo o dialogo que se segue.)

- Delegado - Creio que assim como ela está nada poderá ser esclarecido.
- Celso - Tenho esperança que a presença do preto Benedito e da creança possam fazer com que ela volte á realidade. Se de todo for impossivel a fazer falar, talvez eu possa conseguir do preto Benedito a chave deste enigma que me tortura.
- Delegado - Madame: olhe para este rapaz. Sabe quem ele é?
- Madame - Disse-me a irmã que era meu filho.
- Delegado - Exatamente, é isto mesmo.
- Celso - Se a irmã não lhe tivesse dito a senhora teria me reconhecido?
- Madame - Não sei... tudo é tão vago na minha cabeça... ha uma coisa que gira... gira... vai girando sempre sem parar... Acho que estou tonta com o choro daquela creança.
- Celso - Mas que creança, mamãe? Não ha creança nenhuma perto da senhora agora. É uma impressão sua, nada mais.
- Madame - A irmã Cecilia tambem me disse a mesma coisa.
- Celso - Claro, não podia dizer outra coisa uma vez que não ha creança nenhuma. A senhora está fraca e por isso não consegue atinar bem com as coisas. Mas tudo isto vai passar, a senhora verá.
- Madame - Achas que passará?
- Celso - Tenho a certeza, a senhora vai ver. Agora o que é preciso é que a senhora procure lembrar-se das coisas.
- Madame - Simto-me tão fraca! A cabeça tão tonta! Preferia não pensar. Preferia fechar os olhos e desmir! Dormir e esquecer!
- Delegado - Pois feche os olhos e descanse um pouco. Talvez seja cansaço.
- Celso - Deite a sua cabeça aqui no meu hombro. Assim. Agora feche os olhos e descanse.
- Delegado - Não terá muito tempo para isto. Estamos quasi chegando.

Celso - Baixo) Falou com o Dr. Rafael? Ele não declarou nada?

Delegado- (baixo) Absolutamente nada. Foi vê-la no hospital mas ela estava des-sacordada e ele não pode falar-lhe. A sua impressão é que nos achamos em face de um caso de ~~desequilíbrio~~ desequilíbrio mental

Celso - É também a minha impressão. De outra forma como justificar semelhante absurdo? Minha mãe foi sempre uma creatura boníssima. Incapaz de fazer mal a quem quer que fosse. Um animalzinho ferido despertava-lhe os sentimentos de piedade como explicar de outra forma uma tão grande loucura?

Delegado- O advogado de defesa disse-me que fará revelações surpreendentes mas creio que a sua melhor defesa virá do proprio doutor Mistral que de-ante de varias testemunhas afirmou tratar-se de um caso de desequilíbrio mental. Enfim esperemos o resultado.

Celso - De qualquer forma, a minha angustia é indescritivel.

Delegado- Acredito piamente. Conheço-o a longos anos. Sei o que deve estar sofrendo. Entretanto, meu amigo, não deve perder a fé. Tenha esperança.

Celso - A minha fé é grande, muito grande! E a esperança é sempre a ultima que morre!....

(GONGO)

SPEAKER : - E enquanto o automovel roda vencendo a distancia entre a casa de saude e o Tribunal, os curiosos se agrupam junto ás portas da casa onde mora a justiça. Os comentarios fervem e as suposições brotam a cada instante - razoaveis ou desbaratadas - dos cerebros curiosos que ali se encontram. Lucy acaba de chegar com seu irmão e antes de entrar é assaltada por dona Biquinha a quem a desmedida curiosidade levou também até ali.

Biquinha- Que barbaridade, minha querida! Como está cheio isto! Nunca vi tanta gente na minha vida. Também parece que o suburbio inteiro está aí dentro. Para conseguir um lugar razoavel tive que vir duas horas antes para cá. Agora deixei a minha vizinha cuidando o meu lugar e saí para respirar um pouco de ar. Estava sentindo sufocar-me lá dentro. Também não era para menos. Com tanta gente lá dentro., não é verdade? Pois é. Felizmente já está quasi na hora de começar. Você não imagina como eu estou curiosa! Tão curiosa, tão curiosa!... Estou ardendo em curiosidade! Também quem não estará? Não é mesmo? Pois é. Madame Vilar ainda não chegou, não é verdade?

Lucy - Não sei, eu estou chegando agora. Celso ficou.....

Biquinha- Ah é verdade ela está chegando agora. Pois é. Mas podia você já estar aí há mais tempo e ter dado também para tomar ar como sai eu. Mas se está chegando agora é claro que não poderá saber se Madame Vilar já chegou. Mas eu creio que ela não veio ainda, não é verdade? Pois é. Com certeza o filho foi busca-la, na casa de Saude, não foi?

Lucy - Sim foi. Foi com o.....

Biquinha- Ah eu logo vi que ele ia. Ele sempre foi um filho muito amoroso. Embora esteja magoado com a mãe pelo que ela fez ele não a deixaria ao desamparo, não é mesmo? Pois é. Ele é muito carinhoso muito bom, muito nobre. Dizem todos que é uma alma santa. Não ha uma só creatura que o conheça que não lhe faça elogios! Dizem todos que é muito trabalhador, muito honesto, muito direito. Nem se pode imaginar como é que de tal mãe possa.....

Lucy - Dona Biquinha, eu não posso admitir.....

Biquinha - Que ela seja mãe dele, não é verdade? Pois é. Pois é o que eu sempre digo. Não é possível, não é possível, não é possível! Uma creatura que faz o que ela fez é uma criminosa sem qualificação possível e como pode de uma creatura assim ter nacido uma outra tão direita, tão reta, tão elogiada por todos como ele é. Você com certeza pensou logo em desmanchar o seu casamento, não é verdade? Pois é. Está claro que não po

- dáa deixar de ser assim.

Lucy - A senhora está muito enganada, dona Biquinha. Celso é meu noivo....

Biquinha - Ainda é teu noivo, não desmanchaste não é verdade? Pois é. Pois eu também penso assim. Acho que fazer muito bem, minha filha. Era isto mesmo que tinhas que fazer. Afinal que culpa tem o rapaz que a mãe fizesse o que fez, não é assim? Pois é. Tu não vais sacrificar o teu ideal, arriscar a não encontrar outro noivo e morrer solteira só porque a mãe do teu noivo resolveu fazer uma maluquice que não tem explicação.

Lucy - Dona Biquinha a senhora vai me dar licença....

Biquinha - Fala, minha filha, fala. Eu sei que tu deves estar louquinha para te abrir com uma pessoa amiga a quem tu possas dizer tudo que sentes com franqueza e confiança. Não é verdade? Pois é. Pois a mim tu podes falar sem constrangimento porque tu sabes muito bem o meu sistema. Eu não falo. Sou um verdadeiro poço. As pessoas falam, falam, falam perto de mim e eu fico quieta. Fico escutando. Depois não vi, não ouvi não sei e tenho raiva de quem sabe. É o melhor sistema, minha filha tu não achas? Pois é. Pois si queres um peito amigo para desabafar podes chorar as tuas maguas sem receio que eu estou aqui para ouvir-te. Ouvir-te calada sem te interromper uma só vez. Tu me conheces, sabes que eu quasi não falo. Sou de muito pouca conversa. Pois é.

Lucy - Eu sei, dona Biquinha, eu sei. A senhora vai me dar licença....

Biquinha - Eu já te disse que fales minha filha. Os amigos são para isto mesmo. São para as ocasiões. Eu só imagino como tu deves estar aborrecida. É a tua mãesinha também, com toda a certeza. Também coitada não é para menos. Ver a sua filha casar-se com o filho de uma mulher que rouba crianças. Devemos concordar que é uma coisa muito desagradavel, muito desagradavel, muito desagradavel.

Lucy - (zangada) Com licença, dona Biquinha, Basta. (passos que se afastam)

Biquinha - Já vai, minha filha? Ora que pena. O assunto dela estava tão interessante e ela sai assim de repente sem a gente esperar. Tanta coisa que eu desejava saber ela estava me contando e interrompe a conversa de uma hora para outra sem razão justificada. Também coitada está muito nervosa. É natural. Só na maneira dela falar, depressa, depressa, depressa a gente vê logo que ela está nervosissima. Quasi que nem respirava pra falar. Quasi que perdia o folego. Uma coisa horrorosa, uma coisa como eu nunca vi igual. Está muito nervosa, a coitadinha, muito nervosa, muito nervosa. A todas estas eu estou aqui perdendo o tempo a poder ocupar o meu lugar. Eu não posso deixar de assistir a este julgamento. Vai ser uma coisa empolgante. Uma coisa extraordinaria! Uma coisa alucinante. Deixa-me ir lá para dentro antes que ocupem o meu lugar. (passos rápidos que se afastam)

(GONGO)

SPEAKER: - É uma hora depois, no interior do Tribunal, quando o julgamento já vai em meio.

(ruído de muitas vozes em algazarra. Sineta)

Juiz - Peço mais uma vez silencio, senhores. (cessa o ruído de vozes) Prosegue com a palavra o senhor promotor publico.

Promotor - senhores jurados: a desculpa de desequilibrio mental da criminosa, talvez venha a constituir a base fundamental em que se assentará a defesa, mas eu peço licença para lembrar aos senhores que esse desequilibrio não impediu de que premeditasse e realizasse com inteligencia o seu crime nefando que só não teve piores consequencias porque a policia conseguiu botar a mão na criminosa antes que ela tivesse conseguido levar a termo os seus planos.

Uma voz - Muito bem.

Promotor - E esses planos quais eram?

- Extorquir dinheiro do pai do menor raptado. Todo o mundo sabe que o dr. Rafael Mistral é homem de fartos haveres. Poderia, a seu ver, dar-lhe metade do que possuía e ela então iria usufruir, criminosamente, um dinheiro ganho com o labor de longos anos de penosos sacrifícios pelo seu legítimo dono. Consta dos autos o bilhete que deixou ou mandou deixar no berço do inocente raptado, exigindo esse dinheiro. Consta dele, ainda a ameaça de que não tornaria a ver o filho caso recusasse pagar pelo seu resgate a quantia exigida. É verdade que os antecedentes da criminosa revelam uma vida pacata, modesta, e constantemente alternada de fatos que lhe valeram a admiração e estima dos que com ela tiveram convívencia. Mas quem nos dirá que toda essa vida não tenha constituído a premeditação de um crime? Quem nos poderá afirmar o contrario? E porque teria ela escolhido o dr. Mistral? Perguntareis. Porque era sua, talvez, uma das maiores e mais sólidas fortunas de que se tem conhecimento. Porque ele depois de tantos anos de uma vida esteril no terreno da paternidade, possuía finalmente um filho que era todo o seu enlevo, toda a sua alegria, toda a sua felicidade e ela não teve dúvidas de que ele daria de bom grado a metade da sua fortuna para reaver o que era tudo na sua vida!

Uma voz - Muito bem!

- Promotor - Não vos deixeis, senhores jurados, enganar com a desculpa tola de um desequilíbrio mental que não existe. Não vos deixeis, senhores jurados, enganar com o semblante palido e triste não pelo arrependimento do crime praticado mas pelo fracasso do plano machiavelico que não conseguiu ver realizado. Não vos deixeis iludir também pelo seu passado inatacavel no dizer de alguns. São por demais conhecidos da justiça casos de vingança, por exemplo, premeditados através de inumeros anos. A criminosa foi presa com o fruto do seu crime nos seus proprios braços. O silencio em que se fechou é uma tatica muito velha, muito conhecida de todos nós. Puni-la severamente é o vosso sagrado dever, e eu que vos conheço a todos sei perfeitamente que não deixareis de o fazer. Peço que seja imposta á criminosa a pena maxima que o código prevê.
(poucas palmas. Duas ou tres vozes de apoio. Ruído da multidão.)
(cainha)

Juiz - Silencio senhores. (cessa o ruido de vozes) Tem a palavra o advogado da defesa. (murmurios. pausa)

- Advogado - Senhores jurados: em todos esses longos anos de minha vida profissional em que tantas vezes me tem sido dado defender creaturas que as circunstancias tem feito ocupar o banco dos reus, jamais me senti tão á vontade ao defender a qualquer uma delas como me sinto hoje ao procurar livrar de um castigo imerecido essa pobre mulher que a vida arrastou até vós e que ali se encontra, vencida pelo sofrimento, curvada ao peso de uma desgraça implacavel, dessas que o destino coloca nos caminhos que somos obrigados a trilhar. (pausa) O meu nobre colega da accusação enganou-se julgando que eu alegaria em defesa da minha constituinte o desequilíbrio mental de que nos valem quando a defesa não encontra qualquer um outro ponto em que se possa apoiar. Não me utilizarei desse recurso uma vez que me sobram argumentos para justificar e desculpar a attitude da accusada. E devo, antes disto, frisar que esses argumentos não me foram fornecidos pela ré pois que já se encontrava ela em estado de profunda apatia e mutismo absoluto quando fui procurado para me encarregar da sua defesa; não me foram esses mesmos argumentos fornecidos por seu filho uma vez que os ignora por completo e só com o decorrer da minha defesa irá inteirar-se deles; foram argumentos fornecidos por creaturas que a conheceram em sua mocidade, antes de haver adotado o nome de Madame Edna Vilar, com o qual se refugiou no suburbio onde passou a viver desde o momento em que seu filho Celso viu a luz do dia. (Ruido de vozes, alarido)

Juiz - (fazendo soar a cainha) Silencio, senhores! Peço-vos que não perturbéis os trabalhos deste jury. (Cessa o alarido) Prossiga com a palavra o sr. advogado de defesa.

Advogado - (após uma pausa e um pigarro) Apesar dos muitos anos que transcorreram após a morte do Comendador Felipe José Dantas Vale, creio que não haverá ainda hoje quem desconheça o valor dessa figura desaparecida e o prestígio sem par desse nome, que tem resistido á corrida do tempo e ao esquecimento dos homens. Ele aí está vivo, bem vivo, nas placas das avenidas, nas fachadas dos hospitais e mais do que tudo isto nos corações daqueles que aprenderam a amar e respeitá-lo os que se tornaram dignos destes sentimentos. Felipe José Dantas Vale teve a enfeitar o seu lar duas filhas diletas que se tornaram depois o consolo sem par da sua viuvez. Educou-as como então lhe permitiam suas avultadas posses e fez de suas filhas dois elementos do mais alto destaque na sociedade a que pertenciam. O destino, porém, ferreteara-o com o estigma da desgraça e enquanto Maria Claudia - a mais velha das irmãs - se debatia nas garras da terrível enfermidade que a levou á gelidez do tumulo, Maria Augusta - a mais moça - era seduzida por um desses Don Juans elegantes e sem sentimentos que avultam pelas ruas movimentadas e pelos salões coloridos de todas as sociedades. Maria Augusta, sentindo dentro de si mesma, bem viva, a prova do seu crime, não teve coragem para enfrentar a colera ou talvez o perdão daquele homem que a educara para uma vida muito diferente. Fugiu de casa deixando-lhe apenas um bilhete com a confissão da sua falta. Desapareceu e nunca mais, nem ele nem a sociedade, souberam mais qualquer coisa a seu respeito. O golpe fora tremendo, demasiadamente bruto para quem tanto já sofrera na vida. Felipe José Dantas Vale não o pôde resistir. Morreu alguns mezes depois, doando todos os seus haveres ás casas de amparo aos necessitados existentes na cidade. De sua filha, ninguém mais soube nada. Faz vinte e trez anos que isto aconteceu. Senhores jurados: (pausa) Faz precisamente pouco mais de vinte ~~anos~~ anos que apareceu no humilde suburbio que serviu de teatro aos acontecimentos que aqui nos trouxeram, uma mulher moça, bonita, simplesmente vestida e conduzindo nos braços uma criança recém nascida. (alarido de vozes murmurios)

Juiz - (batendo sineta) Peço que façam silencio, do contrario mandarei esvazuar a sala. (cessa o ruido) Prossiga o sr. advogado de defesa.

Advogado - O que foi a vida dessa creatura em todos esses anos e até os nossos dias, aí estão para atesta-lo todos os que a conhecem e que com ela tem convivido. Todo o suburbio a estima. Foi sempre a Madame Vilar - como ficou então conhecida - quem socorreu e amparou com o produto do seu trabalho, a todos quantos bateram á sua porta. Foi ela quem cuidou dos visinhos enfermos., quem enxugou as lagrimas dos que lhe foram chorar ao regaço, quem deu de comer aos que, famintos, lhe foram bater á sua porta. Foi ela quem educou modestamente e preparou para uma vida de trabalho honrado esse filho que hoje sofre a tortura de vê-la envolvida na trama de um destino traiçoeiro e cruel. Madame Vilar tornou-se um ídolo no suburbio onde reside.

Uma voz - Muito bem. (aplausos, aclamações. Sineta)

Juiz - Silencio! (cessam os plausos) Peço-lhes, senhores que não interrompam o sr. advogado de defesa.

Advogado- pois bem, senhores jurados: Creio que não vos terá sido difícil compreender que o causador da desgraça de Maria Augusta, ou Madame Vilar, se quizerem, outro não foi senão o doutor Rafael Mistral. Foi ele que lançou sobre a sua vida a vergonha que a matou para a sociedade onde vivia. Foi ele que a sepultou num modesto suburbio a lutar pela existencia e pena manutenção de um filho que ele se negava em reconhecer como seu, sabendo, embora, que era obra sua e de mais ninguém. Foi ele, ainda, o responsavel pela situação de penuria a que ficaram mãe e filho reduzidos, quando após a morte do Comendador Felipe José Dantas Vale, todos os seus haveres ficavam em testamento para as casas de caridade; e foi ele, finalmente, o unico culpado pela tristeza que nublou de pranto os olhos cansados de um pobre velho, privando-lhe das mãos carinhosas de sua unica filha, para cerrar-lhe as palpebras doridas! (pausa) Senhores jurados: -stou certo de que o gesto de Maria Augusta reptando o filhinho do Dr. Mistral, não teve em si outra significação senão a de fazer sofrer o homem que cora a causa de seus vinte e tantos anos de torturas, de privações, de remorsos e de incertezas.

- Promotor - E como ~~se~~ explica então o meu nobre colega o bilhete encontrado no leito do menor raptado, exigindo a metade da fortuna do Dr. Rafael Mistral pela devolução do seu filho?
- Madame - (resoluta) Essa explicação cabe a mim somente. (admiração, vozes)
- Juiz - (batendo a sineta) Silencio senhores. (pausa) (Cessam as vozes) pode falar a acusada.
- Madame - Senhores jurados: eu não procurarei defender-me. Procurarei apenas explicar as razões que me levaram a praticar o que os ~~jornalistas~~ e a sociedade classificaram de crime, mas que sob o meu ponto de vista nada mais é sinão a justiça que procurei fazer pelas minhas próprias mãos. Eu tenho um filho. Um filho a quem menti muitas vezes que seu pai havia morrido mas que em verdade existia e que os acontecimentos hoje colocaram deante dos seus próprios olhos. Oculteí sempre dele o meu segredo pela vergonha de revelar-lhe a minha fraqueza de outros tempos e pelo pai indigno que lhe destinára. Meu filho foi a minha grande força para essa vida de sofrimentos que me vi forçada a enfrentar desde que abandonei para sempre a casa de meu pai. Foi por ele que lutei, por ele que vivi, por ele que sofri, por ele que caí. Me Meu filho estava noivo há mais de tres anos, á espera de uma melhora que lhe permitisse realizar o grande sonho da sua mocidade. Essa melhora tardava e ele começava a impacientar-se. Eu principiava a me sentir impotente ante a sua revolta e por mais que me esforçasse em auxilia-lo os meus trabalhos manuais pouco rendiam. Era debalde que eu supplicava aos céus a desejada melhora. Uma noite li num dos jornais da cidade a noticia de que o Dr. Rafael Mistral tivera o seu lar adornado pelo nascimento do seu primogenito, e á noite, quando deitei fiquei horas e horas a pensar na diferença dos destinos das criaturas ~~aquele~~ teria berço de ouro e receberia o nome do seu pai ao passo que este, sangue também do seu sangue, viveria anonimo e sacrificado. Pensei então em ir procura-lo e solicitar o seu auxilio parao filho pobre, mas o meu orgulho de mulher repeliu a humilhação que o coração de mãe tentava impor a mim mesma. Foi então quando nasceu a ideia de força-lo por alguma forma a repartir entre os dois a fortuna que por direito tanto a um como a outro pertencia. Noites e noites estudei o meu plano e a forma melhor de poder realiza-lo. Vali-me do auxilio do preto Benedito que conhecedor de tuda a minha tragedia e merecedor da minha inteira confiança, poz-se imediatamente do meu lado recebendo e cumprindo exatamente todas as ordens que lhe transmiti. Meu filho estava alheio a tudo. No jardim fronteiro á casa do Dr. Mistral vi quando sua esposa saiu para a festa e momentos depois, quando a porta se abria para dar passagem ao carrinho da creança que a ama ia conduzir para o passeio habitual, o preto Benedito acercou-se dela sob o pretexto de pedir esmola, começou a fazer festas á creança e finalmente conseguiu narcotiza-la. Atravessei para auxilia-lo. Enquanto ele penetrava na casa levando a ama para o seu quarto, deixando no berço vasio o bilhete que eu fizera com letra disfarçada, saí com a creança e fui espera-lo a muitas quadras dali. Ajustificativa da presença da creança para o meu filho e para os visinhos já todos aconhecem. Coincidentemente um dos seus ex-colegas achava-se em situação difficil com a mulher doente e um filho da mesma idade do que havíamos raptado. Embora, porem, o meu plano me parecesse um ato de justiça, parece que Deus não esteve de acordo com ele e a policia conseguiu destrui-lo. O meu intuito não era fazer mal ao pequeno, não era tão pouco vingar-me do homem que abusára da minha innocencia e, ludibriando a minha boa fé, inutilizára a minha mocidade. Era apenas auxiliar o meu filho a realizar o grande ideal de sua vida, obrigando-o seu verdadeiro pai a entregar-lhe o que, a meu ver, por direito lhe pertencia. Eis aí toda a verdade, senhores jurados. Eis aí toda a minha culpa. Juiguem-me agora. (chorando) Prendam-me, matem-me, façam de mim o que quizerem porque já nada mais importa para mim. Uma coisa apenas eu desejo ainda: perguntar a esse homem, deante de todos vós se é mentira o que estou dizendo. Se não é dele o filho que trouxe nas minhas entranhas e por quem lutei tão desesperadamente em todos esses anos que passaram. Se não é verdade que para conseguir o seu intento prometeu casar-se comigo e construir o ninho de amor com que me fizera sonhar tantas vezes. Se lhe sobrar coragem ainda, que desminta as minhas afirmativas. (chora. pausa. silencio absoluto. Expectativa)

- Juiz - Doutor Rafael Mistral: Tem o senhor qualquer coisa a dizer em sua defesa?
- Rafael - (vencido) Nada, doutor. Tudo quanto ela disse é verdade!
- Advogado - Aí tendes, senhores jurados, do proprio dr. Rafael Mistral, a confirmação dos argumentos que vos apresentei para a defesa da minha constituente. Não creio que seja necessario dizer mais nada. Peço-vos a absolvição da ré. (palmas ruidos de vozes)

(GONCO)

SPEAKER : - É momentos depois de finalizado o jury que absolveu unanimemente madame Vilar, quando os ultimos curiosos se afastavam das escadarias do edificio, surge na porta, abatido e desfigurado, o dr. Rafael Mistral para vir encontrar-se com sua esposa que o aguarda no automovel.

Rafael - Carmen Dora...

Carmen - Não digas nada, Rafael.

Rafael - Por favor, deixa-me falar.

Carmen - Falar para que? Do que poderiam adiantar agora meia duzia de palavras? Ha coisas que é preferivel silenciar e esquecer.

Rafael - Dizeme ao menos que me perdoas.

Carmen - Sim, perdoo-te. Tenho o meu filho outra vez e isto é tudo para mim.

Rafael - Obrigado, Carmen Dora. Tu és muito boa.

Carmen - Sobe, vamos para casa.

Rafael - Um momento. Ha ainda outra coisa que necessitava que tu me disesses.

Carmen - Fala.

Rafael - Que dirias tu si eu desse ao outro a parte que lhe cabe?

Carmen - Ainda sobraria bastante para o nosso. Faz portanto o que o teu coração ditar.

Rafael - Obrigado, minha querida. (beijos) Muito obrigado! És o maior e o mais nobre dos corações que tenho conhecido.
(Caracteristica forte, baixando depois para as palavras do)

SPEAKER : - É aqui terminou, amáveis ouvintes, "O segredo de Madame Vilar" um romance que Roberto Lis escreveu para os ouvintes da PRF 9 - Radio Difusora de Porto Alegre. Ouçam da proxima sexta-feira, a estas mesmas horas, o primeiro capitulo da "A vingança do Judeu" um arranjo de Roberto Lis baseado no conhecido e famoso romance de Rochester.
